



Curso de Especialização
**Educação na
Cultura Digital**

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA

Marli Ferreira Wandscheer

APLICATIVOS DE COMUNICAÇÃO COMO POSSIBILIDADE DE INTERAÇÃO EM
PROCESSOS EDUCATIVOS ENTRE PROFESSORES E ESTUDANTES DA
EDUCAÇÃO BÁSICA

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado
ao Curso de Pós Graduação pela Universidade
Federal de Santa Catarina, como requisito
parcial à obtenção do título de Especialista em
Educação na Cultura Digital.

Orientador: Prof. Me. João Paulo Mannrich

Florianópolis
2016

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA



Marli Ferreira Wandscheer

APLICATIVOS DE COMUNICAÇÃO COMO POSSIBILIDADE DE INTERAÇÃO EM
PROCESSOS EDUCATIVOS ENTRE PROFESSORES E ESTUDANTES DA
EDUCAÇÃO BÁSICA

Trabalho de Conclusão de Curso apresentado
ao Curso de Pós Graduação pela Universidade
Federal de Santa Catarina, como requisito
parcial à obtenção do título de Especialista em
Educação na Cultura Digital.

Orientador: Prof. Me. João Paulo Mannrich
Universidade Federal de Santa Catarina

Examinador: Prof. Dr. David Antônio da Costa
Universidade Federal de Santa Catarina

Examinadora: Prof.^a Jéssica Ignácio de Souza
Universidade Federal de Santa Catarina

Coordenador: Prof. Dr. David Antônio da Costa
Universidade Federal de Santa Catarina

Florianópolis, 04 de agosto de 2016

AGRADECIMENTOS

Agradeço primeiramente a Deus, por tudo que possibilitou que acontecesse em minha vida desde o meu nascimento. As coisas boas tornaram-se ótimas memórias, e as não tão boas assim, um grande aprendizado. Sei que precisamos passar por experiências para aprender a viver, e a experiência do estudo da educação na cultura digital foi um momento ímpar de apontar e perceber possibilidades para compreender o ser humano na atualidade, Por isso, obrigada Deus.

Agradeço também a todos os professores e professoras e toda a equipe do Curso de Especialização em Educação na Cultura Digital. Obrigada pela dedicação e paciência em ajudar a superar os momentos de pane, quando não conseguia acessar as atividades ou, pior ainda, não sabia postar no lugar certo. Obrigada pela tolerância e tranquilidade na orientação, pois só assim foi possível vivenciar as descobertas.

Agradeço, de forma muito particular, à Universidade Federal de Santa Catarina, na pessoa do Coordenador do Curso de Especialização Educação na Cultura Digital, Professor Henrique César da Silva, pelo empenho e dedicação na realização do curso, e pela possibilidade de poder participar da realização deste estudo.

Agradeço também ao professor orientador, João Paulo Mannrich, pessoa muito especial, razão por estar concluindo este trabalho, pelo apoio incondicional, pelos momentos de aprendizagem, de escuta e de norte, mas principalmente pelos momentos de diálogo, os quais sempre mostraram uma luz e um bom motivo para continuar quando não sabia como seguir em frente, ou quando as forças para isso estavam fracas. Obrigada de coração.

Obrigada à direção, aos professores e professoras, e a todos os colaboradores da Escola Municipal de Ensino Fundamental Juscelino Kubistchek de Oliveira, do Município de São Miguel do Oeste – SC, que contribuíram para todo o processo desse estudo.

Obrigada aos estudantes do Ensino Fundamental, Anos Finais, meus coordenados, pelo incentivo, desafio em fazer com que a busca fosse constante, aspirar possibilidades para melhorar o conviver da nossa escola.

Aos professores integrantes desta banca examinadora, Professor Prof. Dr. David Antônio da Costa e a Prof.^a Ms. Jéssica Ignácio de Souza, pela disposição e pelas contribuições que atribuíram para o aprimoramento deste trabalho.

Obrigada à minha família, pela compreensão e apoio ao meu estudo. Agradeço principalmente ao meu esposo, que num dia de quase desistência me apoiou e depositou total confiança em mim para prosseguir com meus estudos e objetivos.

Enfim, agradeço a todos que, de uma forma ou outra, colaboraram para que este trabalho fosse realizado com êxito.

RESUMO

O aprender e ensinar na cultura digital apresenta inúmeros desafios para os conviventes da escola. Torna-se imprescindível (re)significar os processos educativos no contexto educacional emergente, e isso requer dos professores e professoras um constante aprendizado, que desafiem-se para proporcionar um ensino que faça emergir o desejo dos estudantes para uma aprendizagem prazerosa e significativa. Nesse sentido estruturou-se a presente pesquisa, a qual objetivou compreender de que forma as tecnologias comunicacionais com o aplicativo WhatsApp podem potencializar práticas pedagógicas, ressignificando o processo de ensino e aprendizagem de estudantes dos anos finais do ensino fundamental. E, como objetivo principal, delineou-se: investigar como as tecnologias comunicacionais com o aplicativo WhatsApp podem potencializar as práticas pedagógicas e ressignificar o processo de ensino e aprendizagem junto aos estudantes do ensino fundamental, anos finais. Como metodologia de pesquisa, elencamos a pesquisa qualitativa, com estudo de caso, tendo como público-alvo as professoras de Artes e Espanhol, juntamente com os estudantes do nono ano do ensino fundamental de uma escola pertencente à rede municipal de ensino. Propôs-se às pesquisadas que desenvolvessem seus conteúdos de sala de aula, qualquer proposta, na qual contemplariam o uso dos aplicativos comunicacionais (WhatsApp), para discutir a sua inserção nas aulas e verificar como se daria essa ação. Os resultados foram significativos. As professoras constataram que os aplicativos promoveram uma aproximação entre os mesmos, o fortalecimento de vínculos, melhoria do ambiente da sala de aula, prazer em desenvolver as atividades propostas, criatividade, além do esperado encantamento pelo processo de aprender. Compreende-se que os desafios pela presença da cultura digital no meio educativo ainda são inúmeros, mas podem ser superados aos poucos. Basta que estejamos abertos e capazes de agregar as tecnologias digitais como potenciais educativos.

Palavras-chave: Cultura digital. Aplicativos comunicacionais WhatsApp. Escola. Afetividade.

LISTA DE ILUSTRAÇÕES

Figura 1	Cursistas em momento de estudo	12
Figura 2	Cursistas com visitas ilustres.....	13
Figura 3	Cursistas persistentes	14
Figura 4	Comunidade escolar em confraternização na área interna da escola	27
Figura 5	Alunas participantes da pesquisa em apresentação.....	27
Figura 6	Alunos dos Anos Finais (meus coordenados) encenando a música Oração..	28
Gráfico 1	Idade das Professoras da E.M.E.I.E.F. Juscelino K. de Oliveira.....	30
Gráfico 2	Tempo de atuação no Magistério	30
Gráfico 3	Grau de Instrução	31
Gráfico 4	Tempo de atuação na escola	31
Gráfico 5	Acessar e responder E-mails.....	33
Gráfico 6	Frequência de leitura em formato eletrônico.....	33
Gráfico 7	Periodicidade de bate-papo e acesso a blog na internet	34
Gráfico 8	Frequência de acessos às redes sociais	34
Gráfico 09	Atualização de Blog Pessoal	35
Gráfico 10	Frequência de acesso a Games	35
Gráfico 11	Frequência de acesso à pesquisa na internet	36
Gráfico 12	Internet Banking.....	36
Gráfico 13	Produção de audiovisual	37
Gráfico 14	Preparação de Apresentações	37
Gráfico 15	Instalação de Software	38
Gráfico 16	Edição de Imagens.....	38
Gráfico 17	Frequência com que realizam cursos a distância	39
Gráfico 18	Equipamentos mais usados	39
Gráfico 19	Motivos para usar o computador portátil pessoal	40

SUMÁRIO

1	INTRODUÇÃO.....	8
2	CULTURA E EDUCAÇÃO.....	17
2.1	O PROCESSO DO APRENDER NA CULTURA DIGITAL.....	19
3	PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS E TÉCNICOS.....	24
3.1	CARACTERIZAÇÃO DA ENTIDADE CAMPO DE PESQUISA.....	26
3.2	RAZÃO DA ESCOLHA DOS SUJEITOS DA PESQUISA.....	43
3.3	O USO DE APLICATIVOS COMUNICACIONAIS EM SALA DE AULA	44
	CONSIDERAÇÕES FINAIS.....	54
	REFERÊNCIAS.....	59
	ANEXOS	62
	Anexo 1 – Questões de Pesquisa para Professoras.....	63
	Anexo 2 – Entrevista Gestor da Escola	65

1 INTRODUÇÃO

O estudo que resultou na presente monografia parte do processo vivenciado no Curso de Especialização: Educação na Cultura Digital, ofertado pela Universidade Federal de Santa Catarina.

Para a compreensão desta investigação optou-se em, inicialmente, narrar como tudo começou. A Escola Municipal de Educação Infantil e Ensino Fundamental. Juscelino Kubitschek de Oliveira recebeu o convite para se inscrever, junto à Secretaria Municipal de Educação do Município de São Miguel do Oeste – SC, para participar do Curso de Especialização Educação na Cultura Digital, onde uma das escolas da rede seria selecionada. Na referida escola, atuo como coordenadora pedagógica e, para saber do interesse quanto ao Curso, realizou-se um levantamento junto aos colegas professores, e, para o nosso espanto, quinze deles demonstraram interesse, num universo de 32. Ficamos imensamente felizes. Essa demanda demonstra que o grupo tinha vontade de buscar novas possibilidades educativas.

Ao examinar o edital, constatamos que o gestor da unidade também deveria participar do curso, conjuntamente com os professores; caso contrário, a escola estaria fora do processo de seleção. Em uma conversa, o diretor se manifestou, dizendo que não tinha interesse, o mesmo acontecendo com a outra colega coordenadora. Eis que assumi a vaga de gestora para o Curso, pois não tinha como cair fora, diante do grande grupo interessado. Confesso que nem imaginava o que vivenciaria. Fomos para a seleção que aconteceu entre as escolas da Rede Municipal de Ensino, num total de doze, e, nossa escola foi a contemplada. Realizamos um sorteio entre os professores interessados, pois tínhamos somente seis vagas.

A temática encantou-me pelo olhar focado para a Cultura Digital, pois na época eu também atuava como professora no Ensino Superior, trabalhando na Licenciatura de Artes Cênicas e Visuais, como professora do Componente Curricular de Estágio em Artes Visuais e Artes Cênicas.

A aula inaugural do curso ocorreu em Florianópolis-SC. Durante as palestras, muitos desafios foram lançados pelos professores palestrantes: compartilhar atividades que envolvessem as TDICs¹ com a comunidade escolar, mobilizando-a a colaborar com a escola, e ainda que estratégias poderiam ser usadas para envolver alunos (as), outros funcionários (as) e os colegas professores e professoras, a partir do que temos na escola com as tecnologias digitais, tendo como objetivo que este projeto fosse disseminado para toda a escola. Outra

¹ A sigla significa: Tecnologias Digitais de Informação e Comunicação.

possibilidade lançada foi de os professores estimularem os estudantes para descobrirem como as TDICs podem ser integradas ao Projeto Político Pedagógico da escola, para a melhoria da aprendizagem dos mesmos, podendo tornar-se mediações interativas de aprendizagens, mais flexíveis e adaptáveis a diferentes contextos, além de uma ampliação dos espaços e tempos da aprendizagem.

Outro ponto forte abordado foi a possibilidade de interagir e refletir sobre como acontecem as práticas educativas com o uso das TDICs pelos professores.

Voltamos de lá sem saber ao certo como manusear a plataforma e-Proinfo², devido aos problemas de internet, e na escola não foi diferente, pois ainda hoje convivemos diariamente com esses problemas. Mas o interesse do grupo fez-me pensar que era a hora de apoiar o grupo, fortalecer. Como coordenadora pedagógica, defendo que aulas com o uso de recursos tecnológicos integram, aproximam, e tornam as aulas mais significativas e atrativas para a produção do conhecimento.

As tecnologias nos desafiam diariamente como profissionais na escola, e percebe-se, a partir da minha ação como coordenadora pedagógica, que muitos dos meus colegas ainda precisam integrar, aceitar e contemplar as TDICs em suas práticas educativas. E, com a vivência inicial do curso por parte de um grande coletivo da escola, acreditava que as possibilidades seriam motivadoras aos demais, e o contágio poderia acontecer gradativamente. Confesso que esse foi o maior motivo de estar participando desta formação. Com certeza isso poderia servir de incentivo ao grupo. Quanto às expectativas pessoais, um curso oferecido pela UFSC sempre tem uma qualidade inestimável, bem como a construção de argumentos teóricos, e isso contribuiria para o crescimento intelectual.

Em conversa com o grupo, discutimos e acordamos que nenhuma de nós iria desistir, e que as possíveis contribuições do curso para com a aprendizagem dos estudantes seriam relevantes, contribuindo para um ensino mais significativo, além de envolver os colegas professores e sensibilizá-los para importância da utilização das TDICs no espaço escolar. Outro aspecto que nos remeteu ao curso foi de poder nos aproximar dos estudantes, ou seja, “falar a sua língua”, viver o seu mundo digital.

² Ambiente Colaborativo de Aprendizagem, para a realização do Curso Especialização em Educação na Cultura Digital, criado pelo NUTE/UFSC em parceria com o MEC e oferecido pelo CED/UFSC também em parceria com o MEC, com a Secretaria de Educação de Santa Catarina e com a UNDIME/SC, destinado aos educadores em exercício das redes de escolas públicas de Santa Catarina nas funções de: Professores, Gestores e Formadores dos Núcleos de Tecnologia Estaduais e Municipais.

Iniciamos os estudos, empolgadas. Cinco participantes, inicialmente. Depois, na vaga que restava, conseguimos integrar mais uma colega. Nos reuníamos uma ou duas vezes por semana, em torno de duas horas, para ler, discutir, pensar possibilidades relacionadas às TDICs para a melhoria de nossas atividades educativas.

Propusemo-nos a desenvolver o estudo na Escola Municipal de Educação Infantil e Ensino Fundamental Juscelino Kubistcheck de Oliveira, na qual o grupo atua, localizada no Bairro Estrela, em São Miguel do Oeste – SC, que atende um total de 402 alunos, em 2016, da Pré-escola ao 9º Ano. A equipe de profissionais da escola está constituída para o ano de 2016, por 01 Diretor, 02 Coordenadoras Pedagógicas, 27 Professores, 01 Secretária, 02 Manipuladoras de Alimentos, 03 Auxiliares de Serviços Gerais e 03 Estagiárias.

A unidade escolar possui diversos equipamentos que auxiliam no desenvolvimento do processo educativo, sendo eles: 2 câmeras fotográficas digitais, 1 filmadora, 7 projetores de multimídia, 3 notebooks, 9 computadores na sala de informática, 2 computadores na sala dos professores, 1 computador na secretária, 7 impressoras, 1 xerocadora, 8 caixas de som amplificadas, 1 aparelho de VHS, sistema de som interligando todas os espaços da escola, 2 microfones sem fio, 2 microfones com fio, TVs e DVDs em todas as salas de aula totalizando 20 aparelhos, 6 rádios com entrada USB, ponto eletrônico e internet WiFi com banda larga de um Mega.

A escola utiliza as TDICs, e uma das estratégias educativas é a página na mídia social *Face book*³, na qual os professores postam atividades desenvolvidas em sala de aula. Os alunos e a comunidade escolar (pais) também interagem e participam da socialização das mesmas, como eventos que a escola promove, recados aos alunos e familiares, atividades desenvolvidas em sala de aula, entre outras comunicações. Outra ação usada é o correio eletrônico, pelo qual os professores recebem as informações administrativas e pedagógica. Além disso, temos o grupo da Família JK no *WhatsApp*, em que fazem parte todos os

³ **Face book** é uma rede social lançada em 2004. Foi fundado por Mark Zuckerberg, Eduardo Saverin, Andrew McCollum, Dustin Moskovitz e Chris Hughes, estudantes da Universidade Harvard. Este termo é composto por *face* (que significa cara em português) e *book* (que significa livro), o que indica que a tradução literal de face book pode ser "livro de caras".

O "Face", como é mais conhecido, possui também aplicativos, com os mais diversos assuntos, e eventos, onde a pessoa pode convidar todos seus amigos para um determinado evento. Existem versões diferentes do Face book para telefones celulares e *smartphones*, que facilitam a visualização e acessibilidade dos usuários.

Fonte: <https://www.google.com.br/url?sa=t&rct=j&q=&esrc=s&source=web&cd=5&cad=rja&uact=8&ved=0ahUKEwipp-bcycTOAhWCgZAKHf5xBvoQFgg4MAQ&url=http%3A%2F%2Fwww.significados.com.br%2Fface-book%2F&usg=AFQjCNHnAg3VIPsIA44T5Fi-P09hvAattw&sig2=RV4lm0uUGXBqEVQtnJpmjA>

professores, funcionários e o Presidente da Associação de Pais e Professores. Nele circulam recados, diálogos e entretenimento.

A comunicação acontece diariamente entre alunos e professores, como, por exemplo, lembrando aos alunos, pela rede social, que terá avaliação e apresentação de trabalhos em determinada disciplina.

Uma ação que foi elogiada e envolveu as TDICs, desenvolvida no ano de 2013, foi a elaboração de um vídeo para divulgar e socializar as ações pedagógicas desenvolvidas pela escola à comunidade educacional, no qual registramos imagens visuais e sonoras das diversas atividades desenvolvidas. O objetivo da elaboração do vídeo foi conscientizar sobre o desperdício de material, que ocasiona a poluição do meio ambiente, pois a temática estudada no Projeto Pedagógico era “Um olhar sensível para o meio em que vivemos”.

Diante do exposto, cabe salientar que alguns de nossos colegas não usam as TDICs em suas aulas, por várias razões. A sala de informática foi desativada em função de problemas estruturais, da escola, que possui espaço físico insuficiente, e passou a ser sala de aula. Inquietações geradas no início do curso demonstraram haver poucas possibilidades visualizadas pelos professores e professoras de como usar as TDICs em suas aulas. Sem a sala de informática, os desafios ficaram ainda maiores.

Após alguns meses de estudo, em fevereiro de 2015, ao sentar para escrever uma produção de texto sobre a vivência concreta das TDICs em nossa prática, como Coordenadora Pedagógica na E.M.E.I.E.F. Juscelino K. de Oliveira, percebi que os desafios continuavam enormes. Um deles era como manter o grupo de cursistas unido. Tivemos o desligamento de três das professoras integrantes do grupo, que eram ACTs⁴, e que não atuavam mais na escola no ano de 2015. Claro que elas não haviam desistido do curso, ainda. Mas, com a saída delas da escola, as discussões e o andamento no desenvolvimento das atividades do curso diminuíram. Essas mudanças acarretaram em desafios. Como fazer para reunir o grupo em encontros para discussão da base teórica e das ações coletivas que eram propostas, envolvendo os recursos tecnológicos, visto que o grupo não se encontraria mais diariamente na escola? Até aquele momento, os intervalos, inclusive, eram oportunidade para trocas e discussões, e sempre que alguém estava mais desanimado, o outro ajudava a manter acesa a chama do Curso.

Nas imagens da sequência é possível visualizar o grupo de professoras cursistas ainda em momento de estudo:

⁴ ACTs: Admissão em Caráter Temporário na Educação no Estado de Santa Catarina.

Figura 1 – Cursistas em momento de estudo



Fonte: Acervo Autora (2015)

No auge das atividades recebemos em nossa escola, na sala da coordenação dos anos finais, a ilustre visita da professora Cristina Hipolito e da Tutora Michele.

Figura 2 – Cursistas com visitas ilustres



Fonte: Acervo Autora (2015)

As expectativas, inicialmente, foram as melhores. Todas estudando, participando. Mas aos poucos, e com as dificuldades pessoais e profissionais que foram surgindo, primeiro desistiu uma, depois duas, três, e por fim restaram somente duas do grupo que iniciou o projeto na escola, conforme imagem abaixo.

Na imagem da sequência, a persistência das participantes que concluíram o curso.

Figura 3 – Cursistas persistentes



Fonte: Acervo Autora (2016)

Confesso que a desistência rondou-me também, pois as atividades escolares são inúmeras: problemas pessoais, dificuldades em acessar a plataforma, postagem em espaços incorretos, professores ocupados que não respondem aos questionários, etc. Conciliar tudo isso foi e estava sendo extremamente difícil.

É evidente que todas essas exigências interferem, mas pretendeu-se compreender o que perpassa pelos conviventes da geração digital, bem como potencializar essas tecnologias comunicacionais para ampliar e refinar os processos de ensino e aprendizagem desenvolvidos no contexto escolar.

Nesse sentido, Kenski (2008, p.651-652) expressa que:

[...] a ação educativa que se realiza como aprendizagem é mais complexa e compreende a essência da comunicação. Exige a participação plena e a intercomunicação frequente entre os diversos parceiros do processo. Todos devem estar envolvidos no mesmo desejo de avançar no conhecimento, ou seja, se transmutar, ser diferente. Ser melhor, não apenas pelas aquisições cognitivas, mas pela formação ampla da pessoa em termos de valores,

comportamentos individuais e sociais, capacidade crítica e autonomia para pensar e agir. [...] A evolução dos suportes midiáticos ampliou este desejo fundante de toda pessoa de se comunicar e de aprender.

Pensando nessa perspectiva, desenvolveu-se a escrita narrativa da presente monografia, vivenciada no decorrer do curso Educação na Cultura Digital. Considerou-se, ainda, para o desenvolvimento da mesma, o foco do curso, que é a educação na cultura digital, para, através dela, buscar compreender as inquietações a respeito da dificuldade de tornar as tecnologias digitais elementos que viessem a ser constantes nas ações educativas dos professores da escola, bem como compreender se essas tecnologias comunicacionais poderiam promover um aprender provocador, capaz de instigar o pensar e o agir numa melhoria da construção do conhecimento.

É indiscutível que, para ressignificar os processos educativos no contexto educacional emergente, é necessário que os professores e professoras estejam em constante aprendizado, desafiem-se para proporcionar um ensino que faça emergir o desejo dos estudantes para uma aprendizagem prazerosa e significativa. Os desafios são inúmeros, como compreender a presença da cultura digital em nosso meio educacional, fazer com que os professores e as professoras percam o medo das tecnologias/mídias, e passem a visualizá-las como potenciais educativos. Diante disso, acredita-se que tecer possibilidades educativas potencializando o poder comunicacional das tecnologias nas práticas pedagógicas pode ser uma possibilidade de ressignificar o contexto da escola de educação básica.

Assim, a presente monografia integra o estudo teórico, o qual se justifica pela necessidade de apontar autores que versem sobre Cultura e Educação, e sobre o processo do aprender na Cultura Digital. A pesquisa teve continuidade na prática, no momento em que, foram acompanhadas as ações de duas professoras, a de espanhol e de artes, que se desafiaram a contemplar os aplicativos comunicacionais em suas atividades de sala de aula, junto aos estudantes do nono ano do Ensino Fundamental.

O problema de pesquisa pode ser sintetizado na seguinte questão: De que forma as tecnologias comunicacionais com o aplicativo WhatsApp podem potencializar práticas pedagógicas ressignificando o processo de ensino e aprendizagem de estudantes dos anos finais do ensino fundamental?

As questões norteadoras da pesquisa, que deram origem à monografia foram: Como atividades que envolvem as tecnologias comunicacionais com o aplicativo WhatsApp podem contribuir para o processo de ensino e aprendizagem? Que dificuldades podem surgir ao trabalhar com as tecnologias educacionais com o aplicativo WhatsApp? Como trabalhar a

educação pelo viés da cultura digital no contexto educacional com os professores, por meio de intervenções do coordenador pedagógico, com o objetivo de subsidiar/apoiar em conteúdo das disciplinas de Arte e Espanhol junto aos estudantes dos anos finais?

E, como objetivo principal, delineou-se: Investigar como as tecnologias comunicacionais com o aplicativo WhatsApp (ou aplicativos comunicacionais) podem potencializar as práticas pedagógicas e ressignificar o processo de ensino e aprendizagem junto aos estudantes do nono ano, turma do período vespertino, do ensino fundamental, anos finais.

Como objetivos específicos, elegemos: Verificar como atividades que envolvem as tecnologias com o aplicativo WhatsApp podem ser elementos que promovam o pensar e o agir na melhoria do processo de ensino e aprendizagem; Apontar possibilidades de como interagir na prática pedagógica dos professores, para que os planejamentos das atividades a serem propostas aos estudantes contemplem a utilização das tecnologias com o aplicativo WhatsApp com vistas a ressignificar processos de ensino e aprendizagem; Indicar aspectos das práticas realizadas que contribuíram para os professores superarem dificuldades que possuíam para trabalhar com as tecnologias na educação; Compreender como trabalhar a educação pelo viés da cultura digital no contexto educacional com os professores, por meio de intervenções do coordenador pedagógico, com o objetivo de subsidiar/apoiar em conteúdo das disciplinas de Artes e Espanhol junto aos estudantes dos anos finais.

2. CULTURA E EDUCAÇÃO

A cultura é vista como elemento subjetivo do ser humano, como uma possibilidade de compartilhar conhecimentos, significados e modos de vida. Compreender esse conviver, aprender, ensinar, valorizar e respeitar as formas de viver de cada humano podem ser possibilidades de educar para um viver e conviver melhor.

Maturana & Yañez (2009, p. 19) apresentam uma posição para compreender esse viver humano, quando defendem que:

Nós, os seres vivos e os seres humanos, como seres em contínua transformação e em contínua mudança, somos entes históricos, dizemos; e dizemos também que cada instante constitui o presente que vivemos implicando a história que lhe deu origem. Contudo, sendo entes históricos, existimos só no presente; todo ser vivo, todo o cosmos existe num presente cambiante contínuo, como uma frente de onda de sucederes que ocorrem num devir contínuo de entrelaçadas transformações. Nós, seres humanos, existimos assim num presente cambiante contínuo em que passado e futuro são modos de viver o contínuo presente cambiante que se vive.

No sentido de compreender o modo de viver do humano, dar significado as suas ações e ao mundo que o rodeia, Thomaz (*apud* RICHTER, 2003, p. 17) traz o conceito de cultura como elemento dinâmico como:

[...] fenômeno unicamente humano, a cultura se refere à capacidade que os seres humanos têm de dar significado às suas ações e ao mundo que os rodeia. A cultura é compartilhada pelos indivíduos de um determinado grupo, não se referindo, pois, a um fenômeno individual; por outro lado, cada grupo de seres humanos, em diferentes épocas e lugares, dá diferentes significados a coisas e passagens da vida aparentemente semelhantes. As culturas mudam, seja em função de sua dinâmica interna, seja em função de diferentes tipos de pressão exterior. [...] A cultura é, pois, “um processo dinâmico de reinvenção contínua de tradições e significados”.

Conforme Duarte Jr. (1991, p. 37), “cada cultura apresenta, pois, uma maneira sua, peculiar, de sentir o mundo, e de nele atuar”. E complementa, dizendo que “cada cultura tem suas construções próprias: sua alimentação, seus costumes, sua religião, arquitetura, política, valores etc”.

Conforme Edward Tylor (*apud* LARAIA, 2001, p. 25), cultura “é este todo complexo que inclui conhecimentos, crenças, arte, moral, leis, costumes ou qualquer outra capacidade ou hábitos adquiridos pelo homem como membro de uma sociedade”. Tylor (*apud* LARAIA, 2001, p. 28) definiu cultura como sendo todo “[...] o comportamento aprendido, tudo aquilo que independe de uma transmissão genética, como diríamos hoje”. Constata-se, então, que a cultura se aprende.

Outro fator que nos confirma que o ser humano é o que é, pois aprende a ser, é a questão do comportamento que é atribuído a um homem e uma mulher. De acordo com Laraia (2001, p. 19):

A espécie humana se diferencia anatômica e fisiologicamente através do dimorfismo sexual, mas é falso que as diferenças de comportamento existentes entre pessoas de sexos diferentes sejam determinadas biologicamente. A antropologia tem demonstrado que muitas atividades atribuídas às mulheres em uma cultura podem ser atribuídas aos homens em outra.

O autor citado anteriormente (2001, p. 20) ainda complementa a afirmação, dizendo que “Um menino e uma menina agem diferentemente não em função de seus hormônios, mas em decorrência de uma educação diferenciada”.

A cultura interfere em vários pontos. Na educação, por exemplo, hoje muito se fala em educar para uma pluralidade cultural. Segundo Richter (2003), a antropologia tem se preocupado com a questão multicultural, como o autor (2003, p. 25) descreve, “a visão antropológica da educação multicultural como o processo pelo qual uma pessoa desenvolve competências em múltiplos sistemas de perceber, avaliar, acreditar e fazer”. Esse conceito está embasado em dois outros fundamentais: a educação e cultura, segundo Richter (2003). Ele ainda complementa, trazendo definições de educação, como sendo os “processos formais e informais por meio das quais a cultura é transmitida aos indivíduos. [...] a educação, no entanto, é universal, pois é a experiência básica do ser humano de aprender a ser competente na sua cultura” (RICHTER, 2003, p. 25).

É nesse processo de compreensão do ser humano, ocasionado pelas relações de convivência, sejam elas caracterizadas pela cultura digital, que significa apreender fluxos em constantes movimentos, alegorias, imaginação e outra constituição de nós mesmos, já que estamos imersos em transformações cotidianas profundas. Com a sensação de que nossas relações estariam ainda implicadas num determinado modo de organizar a vida, essas transformações muitas vezes parecem naturais e pouco efetivas, isso em razão dos

hibridismos que a revestem, como nos ensina Thompson (2008), as práticas culturais na contemporaneidade.

Conforme afirma Hall (2003, p. 47), “No mundo moderno, as culturas nacionais em que nascemos se constituem em uma das principais fontes e identidade cultural”. Ainda segundo o autor (2003, p. 49), “a formação de uma cultura nacional contribuiu para criar padrões de alfabetização universais, generalizou uma única língua vernacular como o meio dominante de comunicação de toda a nação, criou uma cultura homogênea e manteve instituições culturais nacionais”.

Segundo Hall (2003, p. 51), “[...] as culturas nacionais, ao produzir sentidos sobre “a nação”, sentidos com os quais podemos nos identificar, constroem identidades. Esses sentidos estão contidos nas histórias que são contadas sobre a nação, memórias que conectam seu presente com seu passado e imagens que dela são construídas”. Nessa perspectiva, entende-se que, aos poucos, origina-se a subjetividade da cultura do ser humano daquele meio, daquele grupo.

Hall (2003, p. 74) afirma que “[...] com a globalização está se enfraquecendo a identidade cultural de cada povo. Na medida em que as culturas nacionais tornam-se mais expostas a influências externas, é difícil conservar as identidades culturais intactas ou impedir que elas se tornem enfraquecidas através do bombardeamento cultural”.

Os seres humanos sofrem influência das culturas que os cercam, aprendem com quem convivem e com o que se faz presente em sua vida. Seus gostos muitas vezes são inibidos ou exibidos pela sociedade que o cerca. Para compreender esse conjunto de entrelaçamentos culturais imbricados na vida do ser humano, Maturana (2004, p.33), em seus registros, afirma que:

[...] na vida cotidiana, quando falamos de cultura ou de assuntos culturais, é uma rede fechada de conversações que constitui e define uma maneira de convivência humana como uma rede de coordenações de emoções e ações. Esta se realiza como uma configuração especial de entrelaçamento do atuar com o emocionar da gente que vive essa cultura. Desse modo, uma cultura é, constitutivamente, um sistema conservador fechado que gera seus membros à medida que eles a realizam por meio de sua participação nas conversações que a constituem e definem.

Em vista das reflexões apontadas pelo autor, referente à cultura com o propósito da compreensão do viver humano, em tempos de fácil acesso às tecnologias, pode-se arriscar estabelecer uma comparação, pronunciando que os estudantes são nativos digitais e os professores imigrantes digitais, sendo que os estudantes se identificam com as tecnologias e

acabam desenvolvendo uma “cultura patriarcal”, a “cultura tecnológica” dos professores, e isso torna difícil para os professores conversar e se aproximar dos estudantes dentro deste contexto. Além disso, esta pode ser uma das barreiras que os professores precisam romper para se aproximarem deles, entrarem neste “sistema conservador fechado”, que é a cultura digital dos alunos.

Em virtude do que foi exposto, Kenski (2008, p.663) afirma que há a necessidade de apropriação das:

[...] redes digitais para a formação de comunidades de ensino-aprendizagem com a possibilidade de comunicação entre todos os participantes, independente do espaço em que se encontrem. É a partir dessa integração que a realidade educacional pode se alterar em termos historicamente diferenciados de tudo o que já foi pensado [...]

O ser humano vivencia o processo do educar na busca de suprir seus desejos, sendo, portanto, a educação uma possibilidade de compreensão das ações e atitudes originadas no viver humano. Maturana (2002, p.29) traz uma definição de educação:

[...] um processo contínuo que dura toda a vida, e que faz da comunidade onde vivemos um mundo espontaneamente conservador, ao qual o educar se refere. Isso não significa, é claro, que o mundo do educar não mude, mas sim que a educação, como sistema de formação da criança e do adulto, tem efeitos de longa duração que não mudam facilmente.

A educação tem, sem dúvida, um papel importante a desempenhar, seja ela a formal ou a informal, e o fim deve ser o mesmo, ou seja, buscar, construir, e proporcionar ao ser humano conhecimentos que os tornem aptos a atuar e viver em harmonia nos diversos espaços, respeitando o outro humano em suas particularidades e diferenças.

2.1 O PROCESSO DO APRENDER NA CULTURA DIGITAL

Na sociedade emergente, presencia-se, pela modernização que as tecnologias proporcionaram, mudanças significativas na maneira do ser humano interagir com o conhecimento. Nessa perspectiva, Morin (2002, p.16) alerta que:

[...] os conhecimentos fragmentados só servem para usos técnicos. Não conseguem conjugar-se para alimentar um pensamento capaz de considerar a situação humana no âmbito da vida, na terra, no mundo, e de enfrentar

grandes desafios de nossa época. Não conseguimos integrar nossos conhecimentos para a condução de nossas vidas.

O ser humano, apoderando-se das tecnologias da informação para integrar os processos de comunicação, de cognição, obtêm informações que podem ajudar a adquirir uma melhor compreensão da atualidade, para melhor ver o mundo e o seu contexto. Essas ações, focadas para a ampliação do conhecimento, podem ocorrer também pelo entrelaçar de parcerias cognitivas, na troca de informações pessoais e profissionais, para uma melhor condução de suas vidas. Alonso & Aragón (2014, p.160) apontam possibilidades para o aprender em tempos de cultura digital:

Fora da escola, os sujeitos interagem em redes não hierárquicas, discutindo questões que emergem dos seus interesses e necessidades; dentro da escola, realizam tarefas obrigatórias e muitas vezes repetitivas e descontextualizadas. Fora da escola, os sujeitos resolvem problemas interdisciplinares; já na escola, eles são circunscritos às disciplinas específicas. Mas a escola poderá apropriar-se de novas formas de trabalho que flexibilizem o currículo e privilegiem a autoria e a criatividade sem sentir-se ameaçada na sua função, que é a de promover a aprendizagem, a autonomia e a criticidade. A escola tem que continuar o seu papel de articuladora dos saberes, de promotora do aprofundamento, e para isso não pode percorrer um eixo paralelo. Ela precisa cada vez mais ser um mecanismo de integração.

Assmann (1998, p. 19) defende que “[...] as novas tecnologias têm um papel ativo co-estruturante das formas do aprender e do conhecer. Há nisso, por um lado, uma incrível multiplicação de chances cognitivas, que convém não desperdiçar, mas aproveitar ao máximo”.

Compreende-se que as tecnologias podem ser o renovar no agir pedagógico. Os benefícios, sem sombra de dúvidas, são inúmeros, auxiliando no desenvolvimento das estruturas cognitivas cerebrais. Porém, precisamos estar alerta, para que essas tecnologias venham a favorecer os processos do conhecimento, e não tornar o ser humano um objeto, ou um mero consumidor.

Sob este viés, Morin (2001, p.47) aponta para a educação do futuro

[...] o ensino primeiro e universal, centrado na condição humana. Estamos na era planetária; uma aventura comum conduz os seres humanos, onde quer que se encontrem. Estes devem reconhecer-se em sua humanidade comum e ao mesmo tempo reconhecer a diversidade cultural inerente a tudo que é humano.

A educação, ao integrar em suas ações pedagógicas elementos que promovam o desejo pelo aprender, aspecto motivacional, pode fazer com que o ser humano compreenda que o conhecimento pode ser capaz de tornar o meio em que vive melhor, sabendo-se que “[...] é comprovada a capacidade do ser humano de criar, de entender, observar e manipular regras.” (Assmann, 1998, p.140). Dessa maneira, a escola deve compreender que o processo de ensino e aprendizagem precisa alavancar dos estudantes a criatividade, a imaginação, para que o ato de conhecer seja a mola propulsora de mudanças no espaço vivido por eles.

Para Tedesco (2004), “a incorporação das novas tecnologias à educação deveria ser considerada como parte de uma estratégia global de política educativa” e, nesse sentido, destaca que “as estratégias devem considerar, de forma prioritária, os professores”, considerando que “as novas tecnologias modificam significativamente o papel do professor no processo de aprendizagem, e as pesquisas disponíveis não indicam caminhos claros para enfrentar o desafio da formação e do desempenho docente nesse novo contexto” (TEDESCO, 2004, p. 11).

Lévy (1993) escreve que o pensamento das novas gerações se desenvolve no âmago de um sistema de coprodução mediatizado pelas TDICs, compondo uma ecologia cognitiva. Esse processo ocorre na configuração da rede social, ao envolver pessoas, objetos técnicos, valores, práticas, significados e pensamentos articulados em “uma rede na qual, neurônios, módulos cognitivos, humanos, instituições de ensino, línguas, sistemas de escrita, livros e computadores interconectam, transformam e traduzem as representações” (LÉVY, 1993, p.135).

Retomando os escritos de Alonso & Aragón (2014), para melhor compreender essa forma de pensar, as perspectivas de tempo e espaço para a aprendizagem, isso em decorrência do entendimento de que o conhecimento tem como ponto de partida arquiteturas plásticas e abertas. “Aprende-se em diferentes espaços e tempos. Aprende-se num mesmo tempo, em espaços distintos, em comunicação *online*. Aprende-se num mesmo espaço, em diferentes tempos, enviamos mensagens, registramos ideias em fóruns, escrevemos coletivamente” (2014, p.162). E prosseguem, complementando: “Mudam-se os referenciais de proximidade, de presença. As arquiteturas desterritorializam o conhecimento da sala de aula e da escola como *locus* de aprendizagem exclusivo e propõem fontes diversas advindas da *internet*, dos textos, das comunidades locais e virtuais” (ibidem, 2014, p. 163).

Almeida (2011), a efetiva participação da escola nessa ecologia implica em promover a formação de educadores, oferecendo-lhes condições de integrar criticamente as TDICs à prática pedagógica. Para tanto, afirma a autora, é preciso que o educador possa apropriar-se

da cultura digital e das propriedades intrínsecas das TDIC, “utilizá-las na própria aprendizagem e na prática pedagógica e refletir sobre por que e para que usar a tecnologia, como se dá esse uso e que contribuições ela pode trazer à aprendizagem e ao desenvolvimento do currículo” (ALMEIDA, 2010, p.68).

“Além dos educadores, é preciso criar condições para que a escola como um todo tome parte da cultura digital e, portanto, se articule com a comunidade global, que se estrutura, dentre outros componentes, por meio das TDICs e mídias digitais” (ALMEIDA, 2011, p.6).

Segundo Valente (2005), a memorização da informação e a construção de conhecimento – fazem parte do processo de aprender. O autor afirma que uma formação totalmente baseada na memorização não dá mais conta de preparar pessoas para atuarem e sobreviverem na sociedade do conhecimento. Reforça, afirmando que hoje, além de ter a informação, é necessário dominar certos conceitos e adquirir outras habilidades e competências, que são impossíveis de serem simplesmente memorizadas. Essas habilidades e competências devem ser construídas por cada aprendiz na interação com objetos e com pessoas que coabitam o seu cotidiano.

O autor defende ainda que a aprendizagem, para ser efetiva, precisa ser acessada, e o conhecimento deve ser construído pelo aprendiz. Assim, a questão da aprendizagem efetiva, relevante e condizente com a realidade da atual configuração social, se resume na composição de duas concepções: a informação, que deve ser acessada, e o conhecimento, que deve ser construído pelo aprendiz.

Nesse sentido, aprender em rede contempla o uso das TDICs como ferramentas de transmissão de informações, elementos significativos na construção do conhecimento, as quais possibilitam e auxiliam na socialização dos saberes e conteúdos diferenciados, traz em realidades, aproximam pessoas, unem conceitos e ideias.

De acordo com Valente (2005), para uma educação que prioriza a compreensão é indispensável o uso de objetos e atividades estimulantes, para que o aluno possa estar envolvido com o que faz. Esses elementos precisam ser ricos em oportunidades, para permitir ao aluno explorá-las e possibilitar aberturas para o professor desafiar o aluno e, com isso, incrementar a qualidade da interação com o que está sendo feito.

Diante ao exposto pelo autor, compreende-se que vivemos em um momento que lançar desses elementos pode atrair cada vez mais o interesse dos estudantes para que a aprendizagem se efetive.

Entretanto, para que haja essa interação cognitiva e troca em rede com as tecnologias, o professor poderá possibilitar a construção do conhecimento de forma coletiva, assim os estudantes terão acesso às mais diferenciadas informações digitais, por meio de imagens, vídeos, textos, todos relacionados aos conteúdos explorados em sala de aula, cabendo ao professor orientar, desafiar, selecionar e mediar essas informações.

Essa dimensão necessita priorizar novas formas de oferecer o conhecimento ao estudante, de acordo com Miskulin, (2014, p.1313), para “[...] o desenvolvimento do pensamento criativo como aspecto fundamental da cognição humana”. Nesse aspecto, os educadores, precisam estar abertos às novas formas do saber humano, novas maneiras de gerar e dominar o conhecimento, novas formas de produção e apropriação do conhecimento da prática docente, isto se não quiserem ficar estagnados em métodos de ensino e teorias de trabalhos obsoletos (MISKULIN, 1999).

Ressaltamos que essas possibilidades de interações mediadas pelas tecnologias digitais se dão rápida e instantaneamente na busca de informações claras, diversificadas e atualizadas. Com elas, as aulas podem tornar-se mais dinâmicas, atrativas, aumentando as chances de os estudantes terem uma aprendizagem mais significativa e efetiva.

3 PROCEDIMENTOS METODOLÓGICOS E TÉCNICOS

Este capítulo contempla a descrição dos procedimentos metodológicos tomados para a realização da pesquisa, o campo de abrangência, os participantes e a sua caracterização. Os instrumentos para a coleta de informações foram a entrevista, mensagens do grupo do aplicativo *WhatsApp*, e análise do percurso vivenciado pela cursista durante o curso. Todo o trabalho foi acompanhado de um entrecruzamento teórico possibilitado pela plataforma do curso Educação na Cultura Digital - Eproinfo.

A presente pesquisa está ancorada na abordagem qualitativa, por preocupar-se com a realidade que não pode ser quantificada, buscando a sua compreensão de forma subjetiva:

[...] para apreender as realidades segundo o ponto de vista dos atores sociais, [...] o sentido que eles mesmos conferem as suas ações. [...] apreender diferentes dimensões, como as atitudes e os valores. [...] sendo um dos melhores meios para apreender o sentido que os atores dão às suas condutas (os comportamentos não falam por si mesmos), a maneira como eles representam o mundo e como eles vivem sua situação, com os atores sendo vistos como aqueles em melhor posição para falar disso. (POUPART, 2008, p. 217).

A abordagem da pesquisa consiste em compreender e analisar o assunto que o pesquisador se dispôs, sem que com isso seja necessário chegar a respostas e soluções exatas, objetivas, crer e evidenciar verdades absolutas.

A pesquisa qualitativa responde a um espaço mais profundo das relações humanas, as questões mais particulares. Ela se preocupa, nas ciências sociais, com um nível de realidade que não pode ou não deveria ser quantificado. “[...] O universo da produção humana que pode ser resumido no mundo das relações, das representações e da intencionalidade é objeto da pesquisa qualitativa dificilmente pode ser traduzido em números e indicadores quantitativos” (MINAYO, 2010, p. 21).

A abordagem qualitativa torna-se o caminho mais eficaz para compreender os dados coletados, sendo viável para compreender o significado e a intencionalidade das narrativas verbais e visuais, depoimentos, mensagens resultantes de diálogos dos aplicativos comunicacionais entre professores e estudantes que atuam no nono ano dos anos finais do ensino fundamental, educação básica, no decorrer do desenvolvimento da pesquisa.

Esta pesquisa também tem características de um estudo de caso com abordagem etnográfica, sendo uma das importantes vias de investigação de abordagem qualitativa (GODOY, 1995), uma opção metodológica que favorece a compreensão, a exploração e a descrição “[...] de acontecimentos e de contextos variados e complexos, nos quais estão simultaneamente envolvidos diversos fatores”. De acordo com André (2003, p.31), essa abordagem de pesquisa precisa atender os requisitos de ter: “[...] um sistema bem delimitado, uma unidade com limites bem definidos, tal como uma pessoa, um programa, ou um grupo social”.

Como pesquisadora, temos envolvimento diário com os participantes da pesquisa, pois a melhoria do processo educativo na escola causa uma satisfação pessoal e profissional. Como coordenadora pedagógica, o interesse na solução de problemas e buscas por possibilidades para melhorar as ações educativas, torna-se constante.

Outra preocupação constante é a de instigar os estudantes a pensarem e criarem estratégias para desenvolver as atividades propostas pelos seus professores, e os professores, ao contemplarem as tecnologias em suas atividades, façam com que os estudantes sintam prazer em desenvolvê-las.

Acerca da postura do pesquisador, André (2003, p.118), citando Erickson (1993), escreve:

[...] defende uma postura cooperativa, de diálogo aberto, de modo que o objetivo da pesquisa não se limite a mostrar *o que e como* algo está ocorrendo, *mas também como seria possível mudar a situação, tornando-a melhor*. Se quisermos mudar a escola, tornando-a fundamentalmente melhor, no sentido emancipatório, temos que mudar as relações de poder. Temos que estabelecer relações de parceria entre pesquisador e agentes escolares. (Grifo da autora)

Entrelaçamos estudos teóricos, a fim de evitarmos a dicotomia entre teoria e prática. Assim, os dados foram coletados em entrevistas, observações, e a intervenção ocorreu em forma de narrativa reflexiva, originada pela intervenção prática na unidade escolar, e descreve o processo vivenciado a partir do curso de especialização Educação na Cultura Digital, promovido pela Universidade Federal de Santa Catarina.

Todas as atividades foram desenvolvidas na E.M.E.I.E.F. Juscelino K. de Oliveira. A escolha por esta escola deu-se pelo motivo de ser a escola em que atuo como Coordenadora Pedagógica, e ser ainda a única cursista da escola a estar realizando o curso de especialização Educação na Cultura Digital. O corpo docente da escola é composto por professores jovens e que possuem grande interesse na utilização das TDICs em suas práticas.

3.1 CARACTERIZAÇÃO DA ENTIDADE CAMPO DE PESQUISA

Para melhor apresentar a entidade de estudo, desenvolveu-se uma investigação junto ao Projeto Político Pedagógico da escola⁵. O gestor que responde pela escola atualmente é o Professor Roberto Guilherme Christmann.

A referida escola atende crianças oriundas de famílias de classe média baixa, as quais se dividem em dois grupos: alguns são proprietários do imóvel e outros residem em casas alugadas ou cedidas. Pequena parcela dos pais são profissionais autônomos, e os outros são funcionários públicos, funcionários de empresas privadas e agricultores. Alguns deles têm apenas o Ensino Fundamental, outros possuem Ensino Médio, e poucos cursaram o Ensino Superior. As mães são do lar, funcionárias públicas, diaristas, secretárias, costureiras, vendedoras, professoras e agriculturas.

Do total de alunos que frequentam a Escola, 123 famílias moram no Bairro Estrela, 37 são oriundas de bairros próximos, 26 residem no centro, e 47 famílias são das comunidades do interior, sendo que estes utilizam o transporte escolar. São filhos de agricultores

⁵ Escola Municipal de Educação Infantil e Ensino Fundamental Juscelino Kubitschek de Oliveira foi inaugurada em 12/04/1987, e está localizada na Rua: Hélio Wassun, nº 1045, Bairro Estrela, São Miguel do Oeste – SC, CEP 89900-000, Telefone: (49) 36211268, e-mail emeiefjk@yahoo.com.br.

proprietários de suas terras ou arrendatários vindos de diversas comunidades. O bairro possui alguns pequenos comércios alimentícios, Associação Atlética Banco do Brasil, Sysmo Sistemas Ltda, Bazar, Marmoraria, Posto de Saúde e uma Madeireira.

Figura 4 – Comunidade escolar em confraternização na área interna da escola



Fonte: Acervo Autora (2016)

Frequentam atualmente a unidade Escolar 402 alunos, oriundos dos bairros Estrela, Agostini, São Sebastião, Centro, e de diversas comunidades do interior: Linha⁶ Bela Vista das Flores, L^a Três Curvas, L^a Tupancy, L^a São Judas Tadeu, L^a Limeira, L^a Pinheirinho, L^a Jacutinga.

⁶ Expressão usada para indicar nome comunidade da zona rural.

Figura 5 – Alunas participantes da pesquisa em apresentação



Fonte: Acervo Autora (2016)

A Escola atende alunos da Educação Infantil – Pré-escola, e Ensino Fundamental, do 1º ao 9º Ano, sendo 20 turmas assim distribuídas: 04 turmas de pré-escola, 10 turmas de Anos Iniciais, e 08 turmas de Anos Finais.

Figura 6 - Alunos dos Anos Finais (meus coordenados) encenando a música oração



Fonte: Acervo Autora (2016)

O espaço físico da escola consiste em 13 salas de aula, 01 sala dos professores, 01 biblioteca, 01 sala de Direção, 02 salas de Coordenação Pedagógica, 01 secretaria, 01 arquivo passivo, 01 cozinha e 08 banheiros. A escola conta também com um Ginásio de Esportes com 02 vestiários completos e 01 sala para os Professores de Educação Física.

No que se refere às tecnologias disponíveis na escola, estão assim distribuídas: 06 projetores de multimídia fixos em 06 salas de aula, com caixas de som, 11 computadores (antiga sala de informática, que está desativada por falta de espaço físico), 03 projetores de multimídia, televisores com DVD em todas as salas de aula, e aparelhos de som.

A escola disponibiliza aos professores, para a preparação de suas atividades docentes, dois computadores, três notebooks, 01 máquina fotográfica e uma filmadora digital, 03 fotocopiadoras, caixas de som, acesso à *internet wireless*. É necessário agendar a reserva para a utilização de todos os equipamentos que são de uso comum.

Na rede social da escola, no *Facebook*, os professores postam resultados de atividades desenvolvidas em sala de aula e extraclasse, não sendo permitida a postagem pelos alunos, devido a alguns alunos não terem fornecido à escola o direito de publicação de suas imagens, mas comentam e interagem. Existe um documento assinado pelos pais, no ato da matrícula, autorizando a publicação de imagens dos alunos na *internet*.

Quanto ao acesso à *internet*, a maioria dos professores utiliza mais para pesquisa. E aos alunos é liberada a senha da *internet*, para uso nos intervalos das aulas e em pesquisas orientadas pelos professores. Nenhuma atividade é realizada pelos professores utilizando Computação em Nuvem e nem formulários *on-line* e na *internet*. Somente utilizam o *Youtube* para acesso a vídeos.

Dando sequência aos trabalhos, foi feita uma entrevista com o diretor da escola, Prof. Roberto Guilherme Christmann, e na sequência foi disponibilizado um *link* para que os professores pudessem preencher um questionário para traçar um perfil do profissional.

Atualmente, em 2016, a escola conta com 37 profissionais, sendo 27 Professores, 02 Coordenadoras Pedagógicas, 01 Secretária, 01 Diretor, 02 Estagiárias, 03 Auxiliares de Serviços Gerais, 02 Merendeiras. Dos 27 professores, 11 são participantes da pesquisa, perfazendo uma margem de 41 % de professores participantes.

Foi disponibilizado um questionário eletrônico no *Google Drive*, para que fosse respondido pelos professores, a fim de traçar o perfil dos participantes. O questionário foi elaborado pela equipe de gestão do curso de Especialização em Educação na Cultura Digital da UFSC. O convite para o preenchimento deu-se por meio de um diálogo na sala dos professores, e ainda foi enviado por *e-mail* o *link* para efetuar a participação. Salientou-se que não havia obrigatoriedade no preenchimento.

Na análise dos resultados do questionário respondido pelos professores foram levantados alguns perfis para podermos mapear nossas ações. Os mesmos serão descritos na sequência. A análise das respostas foi dividida em duas partes. A primeira contém resultados

referentes a sexo, idade e tempo de atuação no magistério. A segunda contém informações acerca do uso das TDICs e qual o grau de importância para o respondente.

Observou-se que todos os respondentes são do sexo feminino. Informa-se que, dentre o grupo de professores, tem somente dois do sexo masculino, 01 que atua na área da Educação Física e o outro no quinto ano do ensino fundamental, porém os mesmos não participaram da pesquisa sem declarar o motivo.

No que diz respeito à idade, percebe-se, pelo gráfico abaixo, que a grande maioria das professoras são de meia idade, com mais de trinta e cinco anos.

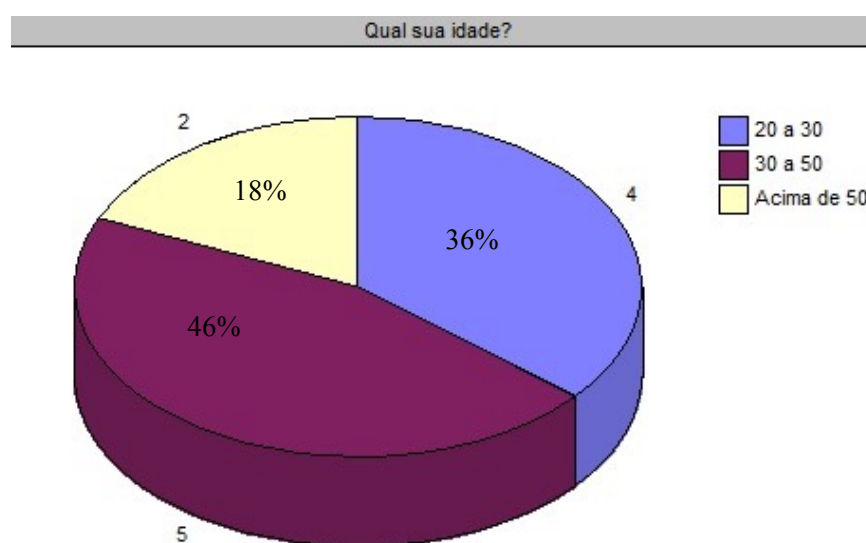


Gráfico 1 – Idade das Professoras da E.M.E.I.E.F. Juscelino K. de Oliveira

Fonte: Autora (2016)

Outro dado fundamental para ser analisado é o tempo de atuação no magistério. Pode-se observar no Gráfico 2 que mais da metade das professoras ainda não possuem 10 anos de atuação em sala de aula. Mas temos quase a mesma proporção de professoras com mais de 20 anos, o que nos leva a fazer uma reflexão sobre a possibilidade de interagir com o uso das tecnologias em suas práticas pedagógicas.

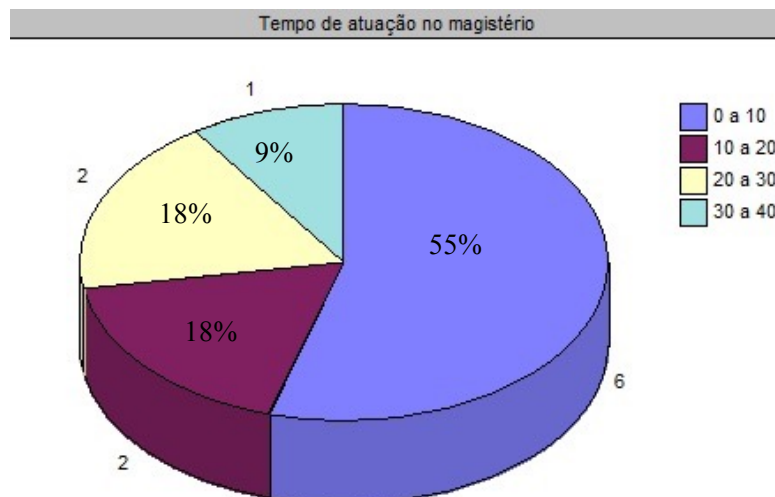


Gráfico 2 – Tempo de atuação no Magistério
Fonte: Autora (2016)

O Gráfico 3 nos apresenta o grau de instrução das professoras pesquisadas na escola em questão. Atualmente 7 das professoras pesquisadas possuem titulação de especialistas, 3 graduação concluída, e uma possui mestrado.

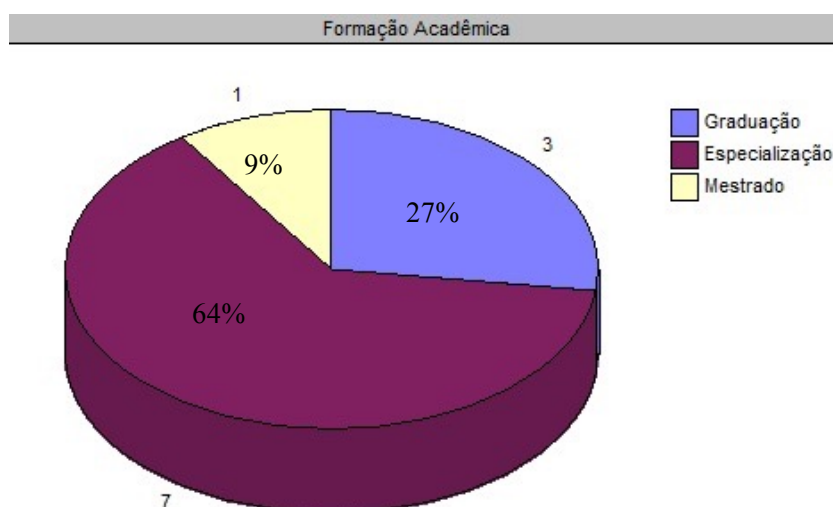


Gráfico 3 – Grau de Instrução
Fonte: Autora (2016)

Outro item importante para a pesquisa foi saber quanto tempo de atuação tem cada professora na escola pesquisada. Esse dado torna-se importante, pois sabemos que um projeto depende muito do tempo e do amadurecimento de sua execução. Analisando o Gráfico 4, entendemos que a escola possui muitos professores novos, sendo que 7 atuam de 1 a 5 anos, e somente 4 estão atuando na escola há mais de 5 anos, os quais, conseqüentemente, conhecem bem a estrutura da escola.

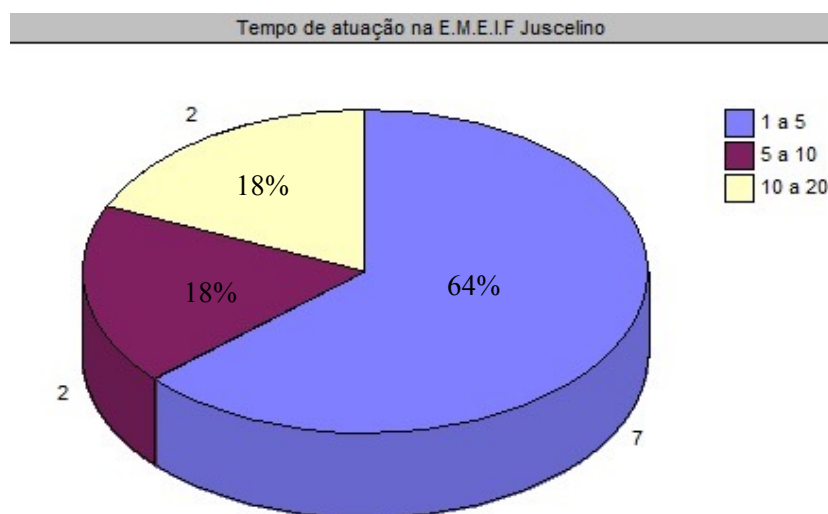


Gráfico 4 – Tempo de atuação na escola
Fonte: Autora (2016)

Salienta-se que a Escola Municipal de Educação Infantil e Ensino Fundamental Juscelino K. de Oliveira não possui sala de informática, portanto, não tem-se disponível equipamentos para trabalhar com alunos.

Com a inexistência da sala de informática para trabalhar com os alunos, constatou-se que os professores se adaptaram, propondo que os alunos fizessem suas pesquisas e resolução de atividades utilizando o celular e o *notebook* em sala de aula. Este fato, acredita-se, foi ocasionado pela sustentação teórica e a participação de seis professoras da escola, no início, no Curso de Especialização Educação na Cultura Digital, sendo que nenhuma delas participou da pesquisa.

Nesse sentido, há compreensão de que a articulação das TDICs ao cotidiano da sala de aula pode promover uma melhoria na qualidade e desempenho do processo de ensino e aprendizagem, o que poderia possibilitar uma proposta de trabalho com uma pedagogia diferenciada, motivadora e significativa para os estudantes.

Outro dado interessante, respondido no diagnóstico de perfil, elaborado para entender melhor o contexto escolar, tendo como objetivo desenvolver um plano de formação para uso pedagógico de Tecnologias Digitais de Informação e Comunicação (TDICs) na Escola, que versava sobre os tipos de equipamentos utilizados mais frequentemente por eles, os professores participantes responderam que possuem e utilizam *notebook*, *Tablet* e celular para acesso à *internet*, e que utilizam seus equipamentos para apoiar nas atividades pedagógicas. Sendo que, somente uma das participantes pesquisa conteúdos para utilizar em sala de aula.

No que se refere ao tipo de acesso, 09 das professoras pesquisadas utilizam *internet* sem fio, uma utiliza *internet* a cabo, e uma utiliza *internet* via satélite.

Também foi possível constatar, no questionamento que versava sobre o acesso e o uso das TDICs, sobre como usa as mídias de modo pessoal e também profissional, pelas respostas dos participantes, que possuem pouca ou nenhuma dificuldade, e que se mantêm conectadas, conforme é possível averiguar no gráfico 5. Entre as professoras pesquisadas, 10 acessam diariamente a *internet*, e somente uma delas acessa apenas uma vez por semana.

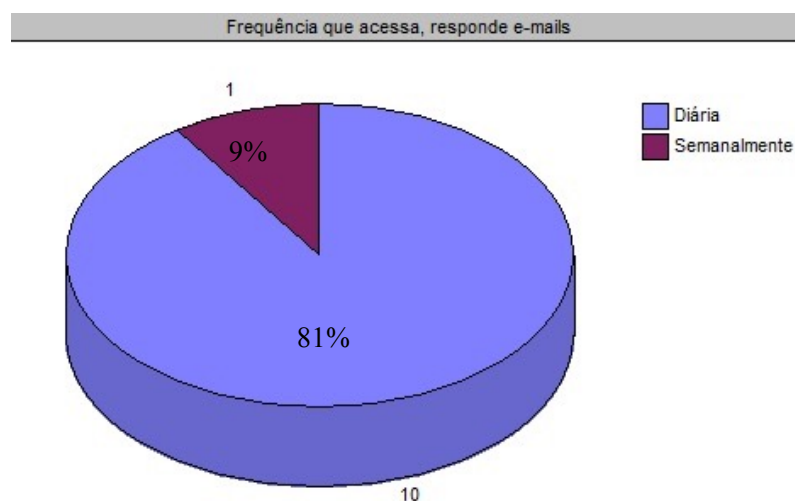


Gráfico 5 – Acessar e responder *E-mails*
Fonte: Autora (2016)

Abaixo, no gráfico 6, pode-se observar a frequência com que as professoras leem livros na internet. A grande maioria, seis delas, fazem uso diário da *internet* para leitura, 4 delas leem semanalmente, e uma lê duas vezes por semana ou raramente.

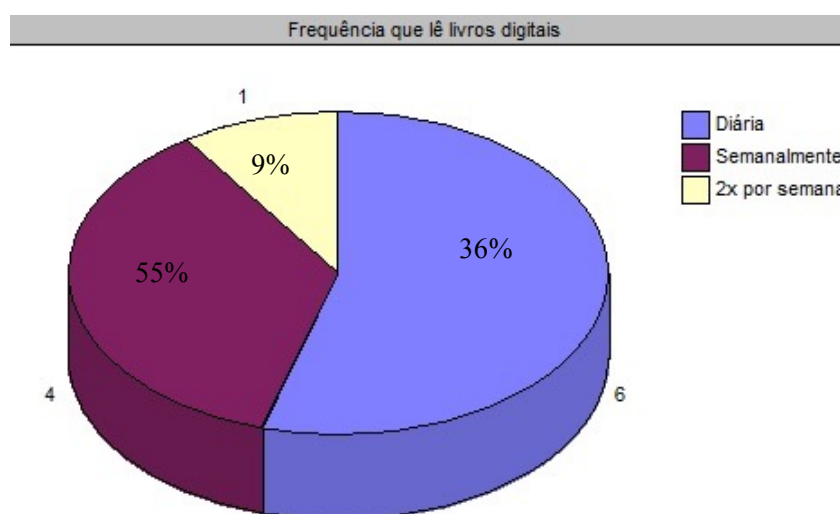


Gráfico 6 – Frequência de leitura em formato eletrônico
Fonte: Autora (2016)

Conforme nos revela o gráfico 7, somente 5 professoras acessam diariamente a *internet* para bate-papo. As demais participantes o fazem duas vezes por semana, raramente ou nunca.

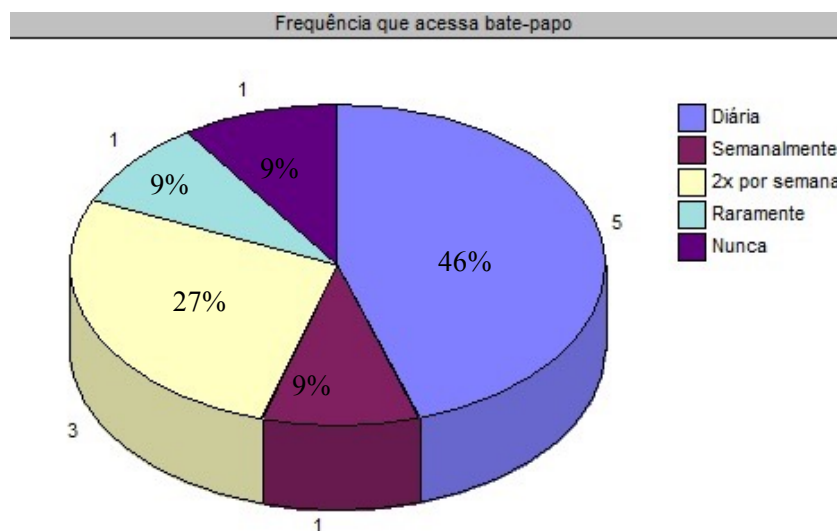


Gráfico 7 – Periodicidade de bate-papo na internet
Fonte: Autora (2016)

Já em relação uso de redes sociais, notamos um extraordinário crescimento: 8 delas acessam diariamente, apenas 2 acessam semanalmente, e 1 nunca.

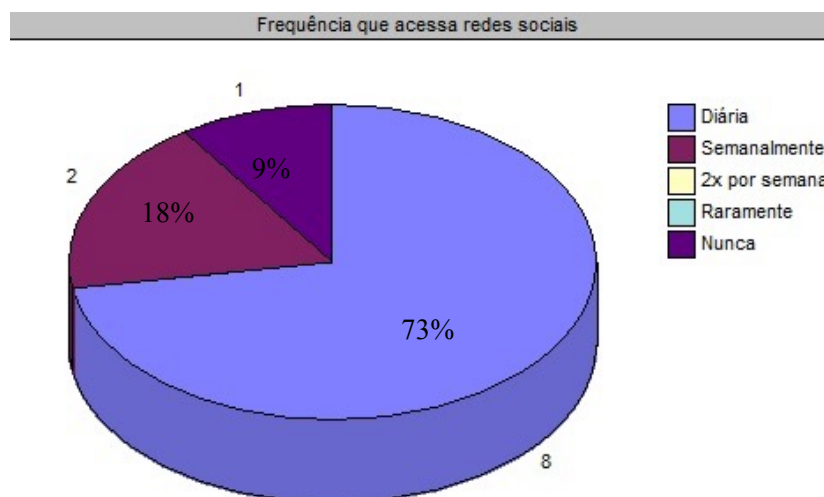


Gráfico 8 – Frequência de acessos às redes sociais
Fonte: Autora (2016)

O gráfico 9 nos revela que somente 2 professoras acessam diariamente a *internet* para atualização do *blog* pessoal. Entre as demais participantes, 1 o faz semanalmente, 2 o fazem

duas vezes por semana, 2 quinzenalmente, 3 raramente e 3 nunca. Esses dados denotam que talvez essas 3 últimas professoras não possuam *blog* pessoal.

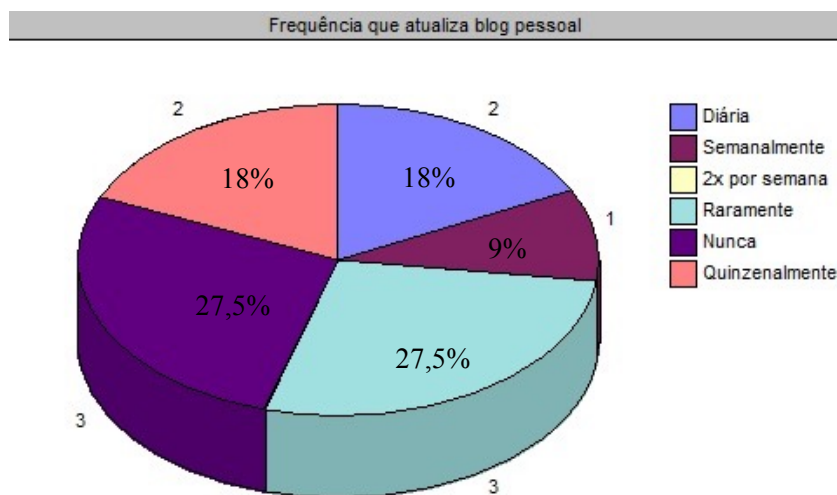


Gráfico 09 – Atualização de Blog Pessoal
Fonte: Autora (2016)

Percebe-se, através do gráfico 10, que a utilização de jogos eletrônicos em vídeo *games* ou computadores ainda não é hábito entre as entrevistadas. Duas raramente utilizam *games*, 6 nunca jogaram, e 3 jogam diariamente ou quinzenalmente.

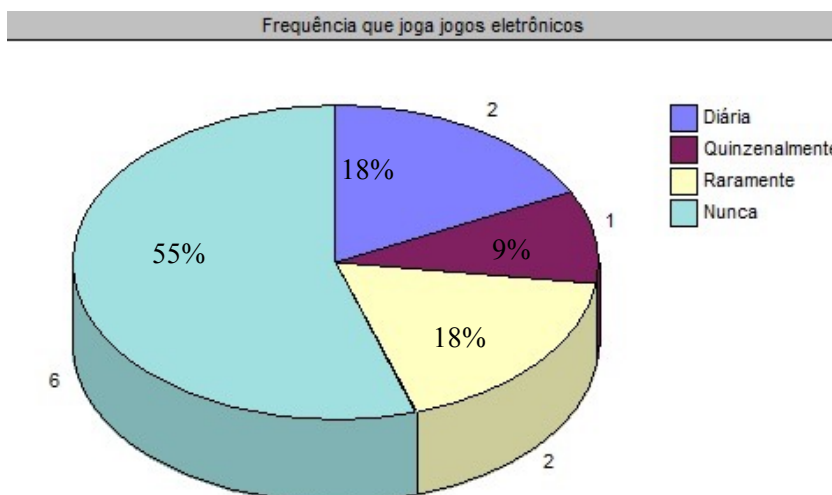


Gráfico 10 – Frequência de acesso a Games
Fonte: Autora (2016)

Na busca por dados sobre como as professoras atuam em seu cotidiano com relação às tecnologias, a pesquisa também evidenciou um fato interessante. Como mostra o gráfico 11, praticamente todos utilizam a internet como fonte de pesquisa. Nove delas utilizam essa

ferramenta diariamente, uma quinzenalmente, e outra duas vezes por semana. Percebe-se que ninguém deixa de utilizar, seja na escola ou em casa.

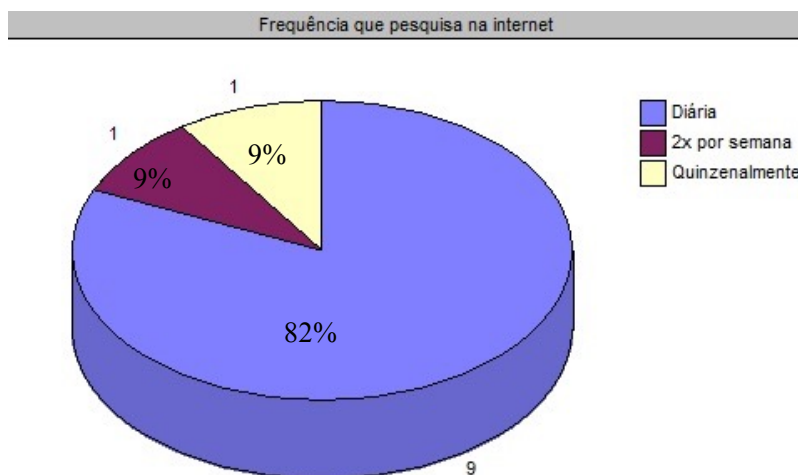


Gráfico 11- Frequência de acesso à pesquisa na internet
Fonte: Autora (2016)

Torna-se interessante analisar os dados desta pesquisa quando o assunto é *Internet Banking*. Percebe-se que esse quesito ainda não é presente no cotidiano das participantes, sendo que 3 nunca utilizaram esse serviço, 2 utilizam raramente, 3 duas vezes por semana, 2 quinzenalmente, e uma usa semanalmente. Percebe-se que esse tipo de ferramenta é pouco utilizada.

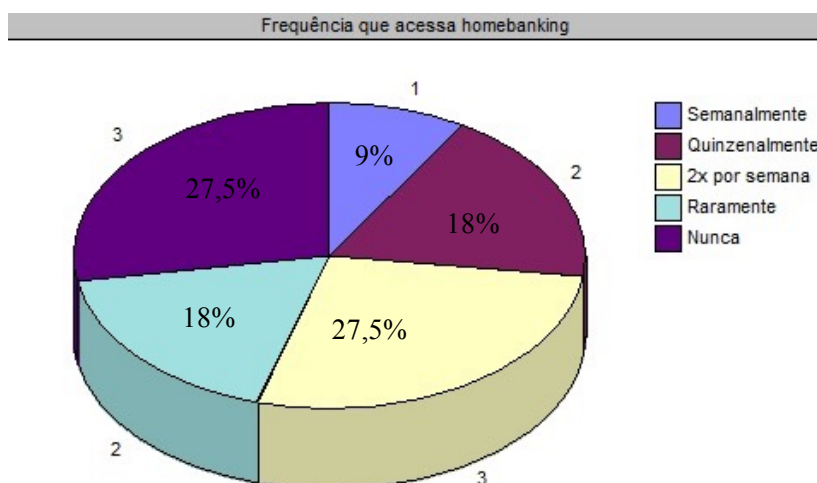


Gráfico 12 –*Internet Banking*
Fonte: Autora (2016)

Os dados evidenciaram a utilização das ferramentas digitais nas tarefas diárias das professoras e nas suas ações pedagógicas. Perguntas como produção de audiovisual (gráfico

13), preparação de apresentações por meio de aplicativos específicos (gráfico 14), utilização de *softwares* de edição de imagens e vídeos (gráfico 15), quanto ao conhecimento em instalar e desinstalar programas (gráfico 16), foram algumas das questões formuladas pelo núcleo do Curso de Especialização na Educação na Cultura Digital. Percebe-se claramente a dificuldade que as professoras têm neste processo de utilização de ferramentas específicas. No quesito produção de audiovisual, 6 delas raramente utilizam esse tipo de ferramenta, e as demais utilizam diariamente, semanalmente, ou duas vezes por semana. Com relação à elaboração de apresentações para utilização em atividades pedagógicas, 4 utilizam diariamente e duas vezes por semana. Somente 3 professoras raramente utilizam essa ferramenta, o que denota que as aulas desenvolvidas pela grande maioria das professoras pesquisadas contemplam o uso das tecnologias digitais para o desenvolvimento de suas atividades pedagógicas.

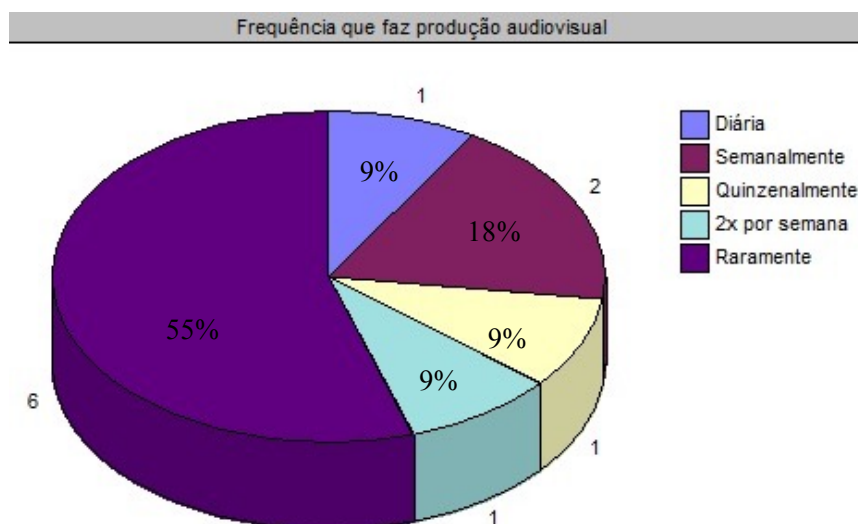


Gráfico 13 – Produção de audiovisual
Fonte: Autora (2016)

Frequência que prepara apresentações

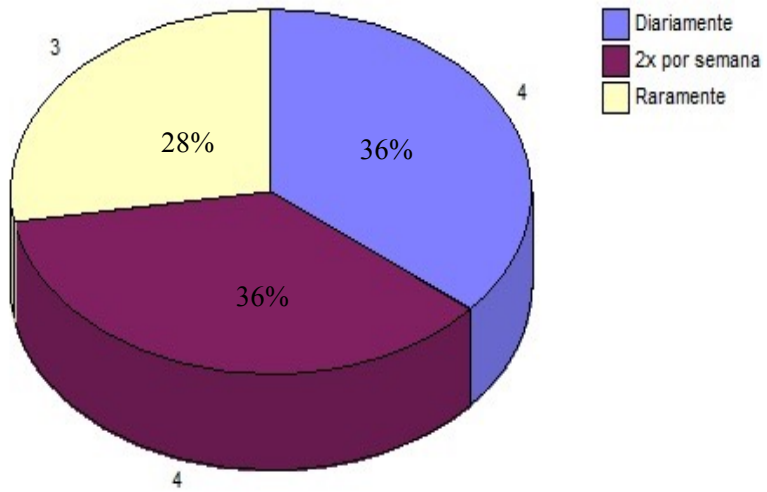


Gráfico 14 – Preparação de Apresentações
Fonte: Autora (2016)

Frequência que baixa e instala software

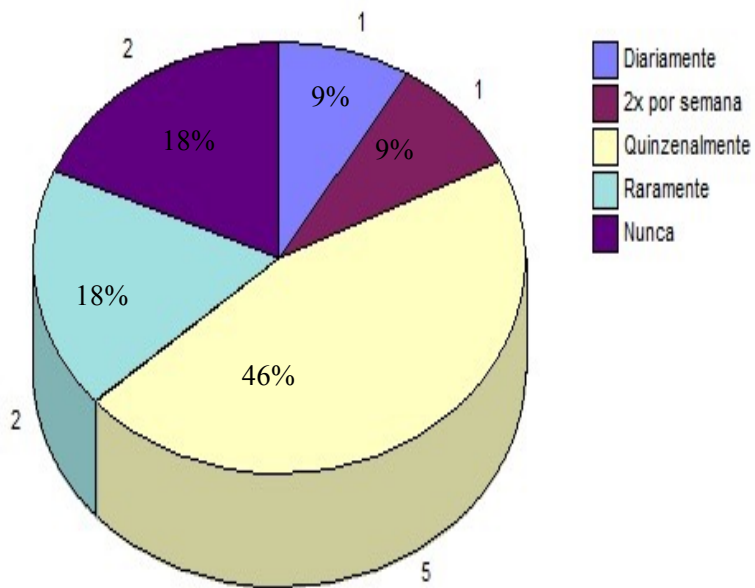


Gráfico 15 – Instalação de Software
Fonte: Autora (2016)

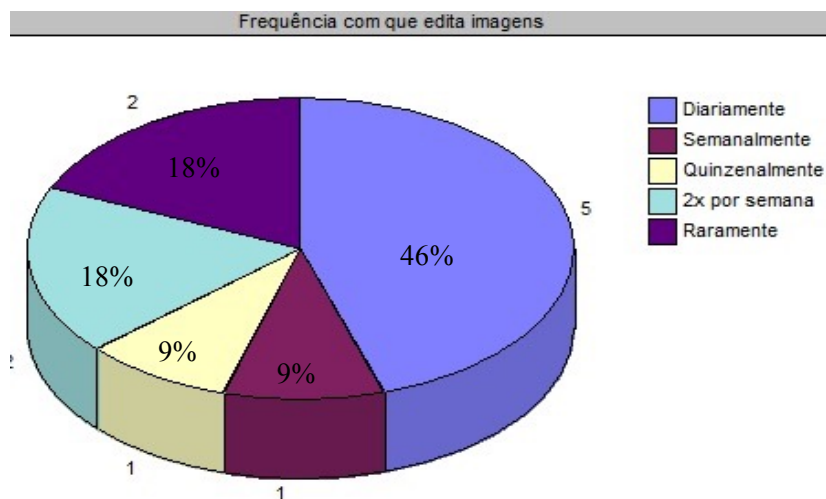


Gráfico 16– Edição de Imagens
Fonte: Autora (2016)

No gráfico 17 podemos constatar a posição dos professores da escola com relação ao ensino a distância. Percebe-se que o ensino a distância não faz parte do cotidiano de formação destas profissionais, pois 6 delas raramente participam.

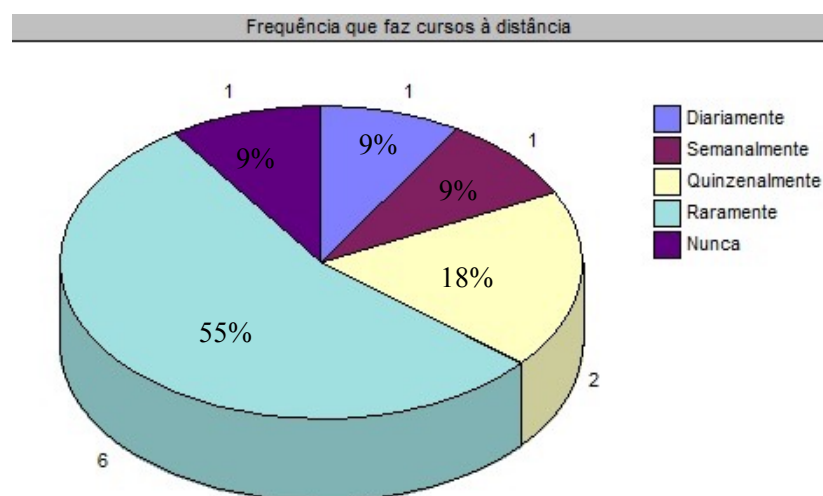


Gráfico 17 – Frequência com que realizam cursos a distância
Fonte: Autora (2016)

Todas as professoras afirmam que possuem computador em casa. Em relação ao tipo de equipamento, todas afirmam ter computador portátil e celular. No gráfico 18 podemos observar os resultados, que mostram os equipamentos que elas mais usam.

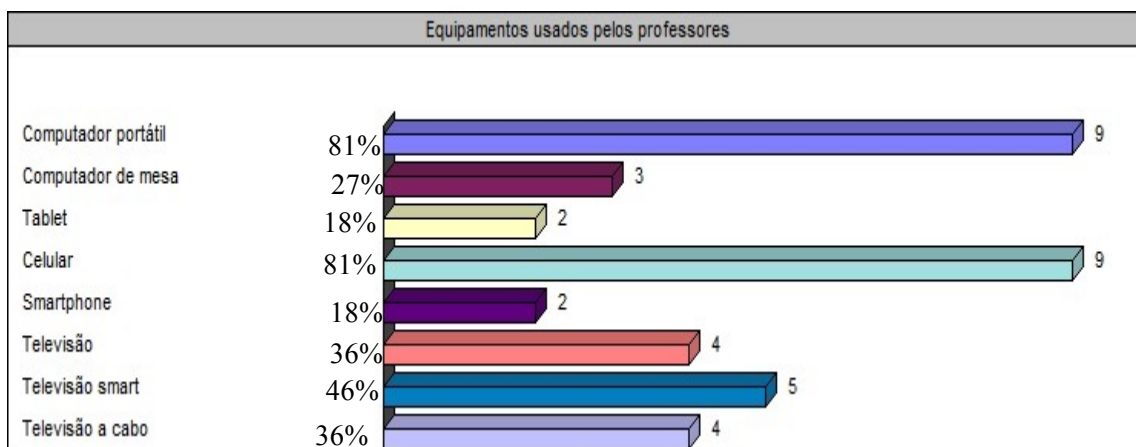


Gráfico 18 – Equipamentos mais usados
Fonte: Autora (2016)

Pode-se constatar que a forma de acesso à internet acontece em casa e na escola, além de alguns usarem em outros estabelecimentos de ensino e em alguns locais públicos. A maioria também desloca seu equipamento móvel para a escola, como mostra o gráfico 19.

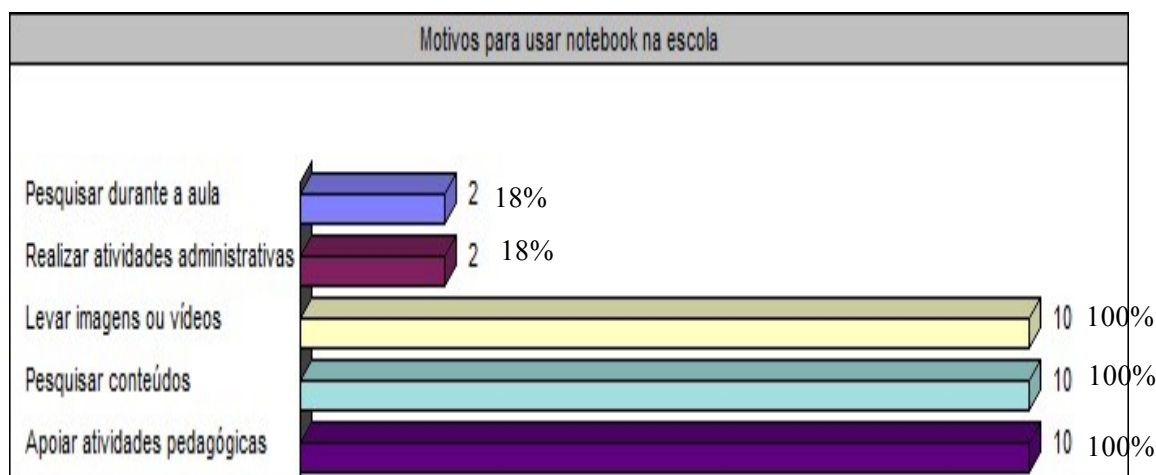


Gráfico 19 - Motivos para usar o computador portátil pessoal
Fonte: Autora (2016)

Mediante o questionamento dos motivos para se levar o computador portátil para a escola, mais especificamente para a sala de aula, percebe-se que a grande maioria das professoras não possui dificuldade em utilizá-lo em edição de imagens, pesquisar conteúdos, e como apoio em suas atividades pedagógicas.

Sob o aspecto do perfil de uso das TDICs na escola, a mesma possui equipamentos para serem utilizados tanto pela equipe gestora quanto pelo corpo docente, sendo que os estudantes possuem dois equipamentos disponíveis na biblioteca, e é permitido que acessem a *internet WiFi*, com senha liberada, em seus *notebooks* e celulares, para suas pesquisas escolares.

As professoras participantes da pesquisa acenam para a preocupação da gestão em manter os equipamentos em condições de uso, sendo que a escola não possui laboratório de informática e nem profissional responsável pelos equipamentos. Mas a Secretaria Municipal de Educação disponibiliza um técnico para efetuar serviços de manutenção, com agendamento, porém dificilmente alguém fica sem poder utilizar por problemas técnicos.

No entanto, ao ser perguntado às professoras em que situações deixam seus alunos utilizarem as TDICs, somente uma professora não deixa usar, as demais responderam que deixam usar em atividades direcionadas.

Dentre os problemas apontados pelas participantes da pesquisa no diagnóstico de perfil, questionário enviado para ser respondido *on-line* pelo *link*⁷, com perguntas fechadas, constatou-se que a escola não oferece condições adequadas para o uso das TDICs, não tem computador ou dispositivo móvel para todos os alunos (mesmo que de uma única turma), problemas frequentes de acesso à rede (internet muito lenta), os alunos sabem mais sobre computador e *internet* do que o professor. Somente duas participantes indicaram a falta de tempo para o desenvolvimento da atividade com o uso das TDICs.

Quando questionadas sobre quais contribuições e impactos as TDICs possuem na educação, responderam: tem-se acesso a materiais mais diversificados/de melhor qualidade; é possível utilizar novos recursos para o ensino; facilidade para colaborar com outras pessoas; facilidade para registrar, guardar e acessar informações. Com estas respostas percebe-se que as professoras participantes apontam vários aspectos positivos para o uso das TDICs no ensino escolar, mas que muitas vezes não podem utilizar por não terem estrutura adequada ou por não saberem utilizá-las.

Quanto aos dados coletados sobre a percepção do perfil dos estudantes, seu conhecimento sobre as TDICs, e com que finalidade as utilizam, 4 professoras responderam que os alunos conseguem utilizar as TDICs para aprender, 3 responderam que utilizam somente para compartilhar informações, 2 responderam que os estudantes utilizam as TDICs para produzir materiais, uma não conseguiu identificar o perfil de seus alunos, e outra respondeu que os alunos utilizam somente para diversão.

Diante do questionamento considerando a importância do uso das TDICs, solicitando que registrassem sugestões de temas ou questões que você avalia que seriam importantes receber em uma formação, os professores se manifestaram expondo as suas reivindicações, que são: Educação Física com o uso das TDICs; Sexualidade; Limites; Transtornos e Déficit

⁷ <https://docs.google.com/forms/d/1baMm-pPISwBMDwTh5ZVoMIYunWujCBf8AOoIMmFy0gI/closedform>. Acesso em: 09.07.2016.

de Atenção; Deficiências; Arte-educação e música; Arte e Tecnologia; Elaboração de Vídeos; Pesquisas; Cursos de formação para melhor utilizar as tecnologias; Cursos de como criar *blogs*; Cursos de Formação para melhor uso das TDICs, ressaltando a sua importância como um instrumento de aprendizagem, desmistificando-o; Cursos de como trabalhar com programas, por exemplo, de elaboração de *slides*.

Diante dos dados de diagnósticos apresentados para a realização do estudo, houve também uma conversa com o gestor, na qual foi apresentada a proposta para a realização da intervenção junto aos professores na utilização das TDICs em suas práticas em sala de aula.

Observaram-se as características do processo de gestão da escola por meio de uma entrevista estruturada respondida pelo Diretor, Roberto Guilherme Christmann, com idade de 51 anos, sendo que está no cargo há 3 anos e 05 meses. Informamos que o cargo de gestor da escola é por indicação política, pois ainda não acontecem as eleições para gestor escolar.

O atual gestor da escola é licenciado em Educação Física, professor efetivo na unidade escolar, atuando na mesma há 08 anos. Seu tempo de serviço no Magistério é de 28 anos.

A gestão pedagógica da escola e as principais práticas realizadas pela gestão, segundo o diretor, acontecem a partir da troca de ideias, inicialmente entre gestor e coordenadoras pedagógicas e, a partir daí, as ideias e propostas são levadas para discussão no colegiado de professores. Caso sejam aprovadas, são implementadas. Trabalhamos com projetos e ações nas mais variadas disciplinas ou de forma interdisciplinar. Possui também em funcionamento o Programa Mais Educação⁸, no qual foram implementadas algumas oficinas pedagógicas. Procura-se enfatizar e trabalhar muito com a leitura e produção textual.

Com relação à gestão para a integração das TDICs, o gestor apontou que busca adequar as tecnologias para as aulas serem mais significativas e motivadoras para os estudantes. Reforça que a *internet* banda larga muito lenta, mas, como recebemos do município o pagamento por dois megas, esse é um fato que dificulta muito o trabalho de toda a equipe da escola.

Os profissionais envolvidos no auxílio do funcionamento das TDICs são somente a Coordenadora Pedagógica e Professores, e este se torna um fator de grande inviabilidade. Com relação à função e responsabilidade dos profissionais pelas TDICs, conta somente com a

⁸ O Programa Mais Educação, criado pela Portaria Interministerial nº 17/2007 e regulamentado pelo Decreto 7.083/10, constitui-se como estratégia do Ministério da Educação para indução da construção da agenda de educação integral nas redes estaduais e municipais de ensino que amplia a jornada escolar nas escolas públicas, para no mínimo 7 horas diárias, por meio de atividades optativas nos macro campos: acompanhamento pedagógico; educação ambiental; esporte e lazer; direitos humanos em educação; cultura e artes; cultura digital; promoção da saúde; comunicação e uso de mídias; investigação no campo das ciências da natureza e educação econômica.

ajuda dos professores no manuseio dos equipamentos, diante das dificuldades surgidas. Informou que a escola não tem sala de informática (em função do grande número de alunos, tivemos que eliminar a sala de informática, para fazer dela sala de aula) e nem profissional responsável.

As práticas pedagógicas coletivas, planejamentos e avaliações, na percepção do gestor, acontecem coletivamente, onde temos principalmente a leitura (20 minutos diários no início do período em todas as turmas). E todo o planejamento é feito de forma coletiva, bem como a avaliação das ações e projetos (embora tenhamos algumas dificuldades de reunir todos. Às vezes estas discussões se dão em grupos menores, ou mesmo individualmente, nos corredores da escola).

A participação da comunidade escolar, segundo o gestor, se dá mais efetivamente com o grupo de pais que compõe a Associação de Pais e Professores, que tem vez e voto. E o projeto que mobiliza mais intensamente a comunidade escolar é o Projeto Mais Educação

Mediante o consentimento e aprovação da equipe gestora, conversamos com os professores, na sala dos professores, apresentando a proposta. Na ocasião foi feita uma breve explanação sobre o projeto e, após sanar algumas dúvidas, realizamos o convite aos professores que gostariam de participar do estudo. Muitos se mostraram interessados. No ato da visita aos professores, nem todos se encontravam nas dependências da escola, principalmente os professores que atuam em áreas específicas, o que ocasionou a ida à sala dos professores em três momentos, para atingir todos os 27 professores. E ainda, para fortalecer, foi enviado o convite por *e-mail*, que teve o apoio da equipe gestora.

3.2 RAZÃO DA ESCOLHA DOS SUJEITOS DA PESQUISA

As contribuições das TDICs na nossa prática são valiosas, visto que se constatou, pelas leituras e as reflexões proporcionadas pelo curso, uma aproximação dos professores e das professoras no sentido de apontar para uma discussão teórica que estava um pouco adormecida, fazendo ainda com que os mesmos se dessem conta da importância desses recursos metodológicos para uma prática educativa atrativa e condizente com o contexto que vivenciamos na atualidade.

Através do relato da professora de Artes, foi possível constatar que a mesma desafiou-se a sair da acomodação. Conforme narração feita sobre sua vivência, ao propor aos estudantes do 5º ano atividade sobre o conteúdo autorretrato, orientada pela Coordenadora Pedagógica quanto ao uso das tecnologias digitais com aplicativos comunicacionais, expôs:

Desafiei-me em propor uma atividade que consistia nas crianças do 5º ano criarem seu autorretrato usando como registro as TDICs. Antes sempre trabalhava o tradicional, pela linguagem do desenho. As orientações, esclarecimentos das dúvidas que os estudantes tinham para realizar a atividade proposta foram sanadas pelo grupo do Face book. Saíram vídeos maravilhosos. Fizeram gravações com imagens suas, falaram sobre suas qualidades, desejos, sonhos. Ficou lindo. Postei no Face book da escola (PROFESSORA DE ARTES, 2016).

Esse relato deixou-me radiante, pois, mesmo que singela, a interferência com sugestões de possibilidades para a melhoria da ação de alguns docentes, como coordenadora, ocasionava alguns despontamentos, mas estavam a emergir para práticas integrativas com o uso das TDICs.

Em consequência disso, pensou-se em desenvolver este estudo monográfico com a temática: Aplicativos de comunicação como possibilidade de interação em processos educativos entre professores e estudantes da educação básica.

A proposta sobre a possibilidade de integrar as tecnologias (aplicativos) em suas práticas pedagógicas foi apresentada aos professores dos anos finais, salientando-se que a participação na pesquisa seria voluntária. A proposta consistiu em selecionar um determinado conteúdo, proposta de trabalho, a qual seria acompanhada e monitorada através de um grupo no aplicativo *WhatsApp* das turmas.

A escolha pela análise reflexiva da prática vivenciada pelas professoras de Espanhol e Artes deu-se pela aceitação e flexibilidade em conversar sobre as suas práticas desenvolvidas em sala de aula. O pseudônimo “La Maestra” será usado para se referir à professora de Espanhol, e a professora de Artes será nominada pelo pseudônimo “Tomie”. Salientamos que a escolha pelos pseudônimos foi opção das próprias participantes.

A turma selecionada para ter um olhar mais afinado para a pesquisa foi o nono ano, por sugestão das professoras. A justificativa das mesmas pela opção da referida turma deu-se por manifestarem que estavam com o grupo em *WhatsApp* ativo, em plena discussão de atividades propostas com eles. E os alunos, quando citados no decorrer da pesquisa, serão mencionados pelas letras do alfabeto.

No item da sequência serão discutidos os dados coletados, por meio das entrevistas semiestruturadas, realizadas com as professoras e os estudantes, turma do nono ano dos anos finais do ensino fundamental.

3.3 O USO DE APLICATIVOS COMUNICACIONAIS EM SALA DE AULA

A presença das tecnologias de informação e comunicação na sociedade ocorreu de maneira intensa e imprevisível, gerando uma cultura digital, e as suas implicações têm provocado alterações no campo educacional e no processo de ensino e aprendizagem.

Frente a esta realidade, propôs-se o questionamento às professoras participantes da pesquisa: Como percebe a cultura digital no atual contexto de sua prática pedagógica, na realidade em que atua? Quais contribuições?

Diante do questionamento, a professora Tomie (2016) expôs sua percepção: “Neste momento em que o mundo todo está conectado e interligado, a arte-educação também se beneficia, em termos de pesquisa, compartilhamento de informações, troca de ideias e também como forma de comunicação entre professor e aluno no contra turno”. La Maestra (2016) acentuou que “[...]as tecnologias servem para a ampliação, compreensão e interação do conhecimento, proximidade. Percebo que eles estão muito mais acelerados a esses mecanismos, e se a gente continuar com as nossas aulas monótonas, eles vão achar aquilo chato, a aula chata, não vão se interessar”.

As palavras das participantes convidam a pensar sobre as possibilidades que as TDICs oferecem no atual contexto de cultura digital, e vêm ao encontro dos escritos de Kenski, ao se referir às TDICs, quando afirma que elas “[...] são mais que simples suportes, [...] interferem em nosso modo de pensar, sentir, agir, de nos relacionarmos socialmente e adquirirmos conhecimentos” (2003, p.23).

A participante La Maestra (2016) afirma que “O uso destes mecanismos é, sem dúvida, a diferença na contribuição do processo de ensino e aprendizagem”. Compreende-se que a participante, ao se referir ao termo diferença, está cogitando que esses elementos podem ser formas de envolver o processo de aprendizagem no atual contexto emergente. De acordo com Kenski (2003, p. 49), “A diferença didática não está no uso ou não-uso das novas tecnologias, mas na compreensão de suas possibilidades. Mais ainda, na compreensão da lógica que permeia a movimentação entre os saberes no atual estágio da sociedade tecnológica.”

La Mestra (2016), ao ser indagada sobre a sua percepção a respeito do papel do professor no atual contexto da educação na cultura digital, afirma:

O uso das tecnologias pelos estudantes ainda é visto pela comunidade e por muitos deles que as usam somente para mandar fotos, entrar nas redes sociais. Cabe a nós, professores, fazer com que os alunos repensem as possibilidades de comunicação. Ainda temos em nossas salas de aula alunos

que têm muito do senso comum, pois, quando um professor passa um vídeo, ele estará matando aula. A gente ainda está em uma fase de construção. Precisa-se colocar algumas coisas nas cabecinhas deles, que aquilo faz parte da aula, e que aquilo somente está ajudando a melhorar a aula. Sem contar que ainda temos que mudar a nossa mentalidade.

O desafio para projetar uma nova possibilidade de gerar o desejo pelo aprender nos estudantes atualmente é imenso. Kenski (2003, p.652) ajuda a compreender como:

[...] as ampliações do acesso a novas formas comunicativas redefiniram os comportamentos e a cultura, gerando outros valores e aprendizagens coletivas. Categorias como tempo, espaço, distância e proximidade se transmutaram a cada incorporação das mais modernas tecnologias de comunicação e informação em cada época. A era do rádio, da televisão, do cinema... são momentos datados da evolução não apenas das mídias vigentes, mas de toda a sociedade, com as especificidades que cada um desses meios ofereceu. Nenhum desses meios, no entanto, se sobrepôs aos anteriores. Ao contrário, sempre coexistiram e se relacionaram de alguma forma.

Essa nova forma comunicativa influenciou, inclusive, a percepção dos alunos em relação ao papel do professor em sala de aula, conforme nos citou a aluna A (2016), quando afirmou que o papel do professor no uso das tecnologias é de “[...] alguém que orienta e incentiva o uso destas de um jeito consciente, para que os jovens possam utilizá-las na sala de aula”. Essas mudanças na forma de ensinar, com a inserção das tecnologias, podem mudar a forma de aprender. Com o intuito de buscar alternativas, interrogamos as professoras participantes sobre o que as motivou a utilizar os aplicativos comunicacionais no desenvolvimento de suas atividades em sala de aula.

La Mestra (2016) respondeu que “[...] utilizar estes aplicativos é ver quão valorizados eles se sentem em mostrar suas habilidades, nestes mecanismos que nos dias atuais eles “manjam” mais que nós. E nos que não têm tanta habilidade é possível ver a busca pelo novo, e o resultado é surpreendente”.

Para Tomie (2016), o que a motivou foi

[...] ter percebido que os alunos tinham celulares e queriam usar escondido para outros fins durante as aulas. Nesse sentido, pensei em fazer com que eles canalizassem essa fome por tecnologia em algo que viesse somar na aprendizagem, e que vissem a pesquisa como algo saboroso, e não como castigo.

Esses apontamentos denotam que, em atividades de sala de aula, os aplicativos comunicacionais possibilitados pelas tecnologias móveis sem fio contribuem para o processo de aprendizagem, como confirma Graziola Junior (2009), porque, com a mobilidade, disponibilizam-se aos sujeitos o acesso rápido a uma grande e diversificada quantidade de informações, viabilizando o recebimento e o envio delas. Além disso, continua ele, a conexão móvel possibilita novas formas de se comunicar, registrar impressões, e expressar e representar o pensamento, reconfigurando nossa presença no mundo e nossa relação com este.

Esta afirmação do autor vem ao encontro com a percepção constatada pelas intervenções que os estudantes fazem na ação docente, desde que os professores se coloquem na condição de aprendentes, numa condição de equidade para com o processo de aprender, pois o professor, ao se mostrar aberto, está em constante aprendizagem com eles. La Maestra (2016) teve esta postura, conforme podemos apreciar em seu relato:

[...] Aprendi. Sabia alguma coisa, alguns atalhos, alguns mecanismos. Eles acabaram me ajudando, por exemplo, na quantidade de tempo numa foto. Eu achava que eram sete segundos. Não. Eles conseguiram me mostrar que aquela passagem poderia ser mais rápida, e esta já apareceria juntamente com a frase. Então a gente acaba aprendendo sempre. Até a questão de cortar vídeo a aluna do 9º ano se prontificou a me ensinar. Orientou-me sobre como poderia baixar o programa. Eles pesquisam e assistem vídeos no You Tube, sobre como fazer certas coisas, e eles aprendem.

Essas palavras confirmam o que Almeida & Valente (2011, p.29) afirmam:

O professor que se reconhece como protagonista de sua prática e usa as TDICs de modo crítico e criativo, voltada para a aprendizagem significativa do aluno, coloca-se em sintonia com as linguagens e símbolos que fazem parte do mundo do aluno, respeita seu processo de aprendizagem e procura compreender seu universo de conhecimentos por meio das representações que os alunos fazem em um suporte tecnológico.

O processo de aprendizagem dos estudantes no atual momento de cultura digital está acontecendo de forma diferente. Não é só o professor o detentor do conhecimento. Eles buscam, interagem, e a aprendizagem acontece de inúmeras maneiras. “[...] Eles trazem mais do que a gente sabe, e eles acabam ensinando a gente” (LA MAESTRA, 2016).

Tal constatação corrobora com os estudos de Valente (2005, p.24), quando afirma que “Ensinar deixa de ser o ato de transmitir informação e passa a ser o de criar ambientes de aprendizagem para que o aluno possa interagir com uma variedade de situações e problemas, auxiliando-o em sua interpretação para que consiga construir novos conhecimentos”.

Essa nova roupagem para o processo de ensinar assume inúmeras frentes. Uma delas pode ser com o uso de aplicativos comunicacionais, no caso específico do *WhatsApp*, como o esclarecimento de dúvidas, a melhoria na responsabilidade para com as atividades de casa, as interações entre os estudantes e professores, aspectos esses muitas vezes não percebidos por nós, educadores, conforme constatamos no depoimento da estudante C (2016), quando nos relata:

Mandamos áudio explicando sobre os conteúdos que os colegas têm dúvidas, não só de Espanhol e Artes, mas de todas as disciplinas. Um acaba ajudando o outro e explicando. Além de todos os dias avisarmos a matéria que tem tema, prova ou trabalho, o que acabou diminuindo o número de carimbo por esquecimento de fazer os temas, porque todos ajudam a não se esquecer das tarefas. O sinal bate 5:15, e às 5:17 já tem gente falando no grupo. Um ajuda o outro a não esquecer as coisas. Chega lá pelo meio-dia e você pergunta: Tem tema de História? E se você não fez você vai fazer. Às vezes a gente esquece porque tem muita coisa, e assim não esquecemos.

As contribuições do uso dos aplicativos comunicacionais redimensionam para uma forma de atuar diferente por parte do professor. O seu papel passa a ser de alguém que instiga, que orienta e promove a aproximação entre os seres humanos. E nessa aproximação torna-se parceiro dos estudantes, e os dois juntos andam na busca do mesmo propósito, a busca do conhecimento com prazer e alegria, tornando o saber significativo.

La Maestra (2016) refere-se ao uso das tecnologias como “[...] um suporte imprescindível, que devemos ousar e caminharmos juntos com a realidade dos alunos que temos hoje, alunos desmotivados a aprender pelo tradicional e “ligados” à tecnologia: Por que não unir?” Essa atuação aberta possibilita o pensar e a construção de um ser humano mais responsável, com olhar colaborativo e coletivo, capaz de auxiliar o outro na construção do conhecimento compartilhado.

Graziola Junior (2009) acena para as tecnologias móveis, aplicativos comunicacionais, como sendo capazes de apontar inúmeras possibilidades para os processos de ensino e aprendizagem, trazendo implicações e mudanças para a escola. Neste contexto, estudantes e professores podem se enxergar como partícipes desse mundo digital, móvel e conectado e, dessa forma, atuar como leitores críticos e autores das próprias histórias, conforme podemos perceber anteriormente, no depoimento da estudante.

O uso dos aplicativos comunicacionais evidencia aspectos além dos pedagógicos, como presenciamos no depoimento da estudante A (2016), que diz: “[...] acaba que nós criamos laços com os professores, não só sendo uma relação da escola, mas fora também.

Acabamos ficando mais próximos, criando laços de amizade com eles”. A aluna B (2016) complementa sobre o uso do aplicativo comunicacional, ou seja, o grupo de *WhatsApp*, na aproximação dos pares da escola:

[...] nós gravamos áudio em espanhol do que não sabemos. A professora sempre está ajudando, **é uma continuidade da escola, só que de uma maneira diferente, porque quebra aquele gelo de ser escola, aula, professor e aluno**. Todos se tornam amigos. A gente conversa com os professores normalmente. Além de ser um amigo, tirar as dúvidas, acaba sendo um lugar para conversar sobre outras coisas, fortalecendo esse vínculo. (Grifo nosso)

Com esse depoimento pode-se acreditar que se estabeleceu um clima de confiança, amorosidade e afetividade no desenvolvimento das atividades de sala de aula. E, pelo uso dos aplicativos comunicacionais, a escola assumiu um papel diferente daquele comumente conhecido por nós, de carteiras, quadro branco, horário específico para determinada aula, professor e aluno. Permitiu a construção de laços afetivos, e os resultados dessas ações podem ser constatados no depoimento da estudante B (2016), quando confirma: “As aulas ficam mais gostosas, a gente procura nos professores o esclarecimento para dúvidas. Sabe, a gente sente prazer em vir para a escola, quando o professor propõe essas atividades”. E continua dizendo: “É muito triste saber que é o nosso último ano aqui, que a gente vai sair daqui”.

De acordo com Dorjó (2011, p.37), os vínculos afetivos estabelecidos pelos aplicativos comunicacionais tornam-se uma modalidade em que não apenas

[...] a linguagem verbal é responsável pela interação, pois a forma como se estrutura a mensagem diminui a distância física, traz a sensação da presença ativa em um espaço em que todos trocam conhecimentos, partilham recursos. E o mais importante, apoiam-se mutuamente, estimulam-se uns aos outros, compartilham-se saberes.

O fortalecimento de vínculos afetivos se confirma também no olhar perceptivo e reflexivo das professoras participantes da pesquisa sobre o uso de aplicativos comunicacionais em atividades de sala aula quando Tomie (2016) diz: “[...] maior proximidade entre professor e aluno, fortalecimento de vínculos, pois se fala a mesma linguagem. Os adolescentes se sentem mais à vontade para expressar seus sentimentos, ideias, sugestões, opiniões e pensamentos a respeito do todo, seja no privado ou nos grupos de conversação”. Segundo La Maestra (2016), “Nosso relacionamento com eles mudou

relativamente. Não tenho problemas de indisciplina em sala de aula. Acredito que é uma forma de aproximação diária”.

O ato de ensinar, na cultura digital, pode ser um ato de fortalecimento das relações entre os seus conviventes, alunos e professores, quando a afetividade se apresenta, ressignificando a construção do saber pelos estudantes. Segundo Dorjó (2011, p.29), “O certo é que a afetividade exerce grande influência na percepção, na memória, no pensamento, na vontade e na ação, fatores responsáveis por irromper a motivação que influencia o processo ensino-aprendizagem, seja na EaD, seja no presencial”.

Na percepção da professora Tomie (2016), quando instigada sobre o desenvolvimento de suas atividades com o uso dos aplicativos comunicacionais, se realmente foram utilizados pelos estudantes para sanar dúvidas com relação ao conteúdo proposto e como foi essa interação, ela revelou:

As dúvidas foram muito variadas, de acordo com o conteúdo em andamento. Trabalhando, por exemplo, sobre a pesquisa de gêneros musicais e seus respectivos artistas, me enviaram o trabalho antes da apresentação para ver se estava contemplando o todo. Já quando trabalhei o período do Renascimento, pesquisa desses artistas com apresentações e releituras de obras do período por meio da fotografia e pintura, foi quando me enviaram as fotos originais e suas releituras para averiguar se estavam de acordo com o proposto, bem como as pinturas por meio de fotos. Assim pude orientá-los a distância antes das apresentações dos trabalhos, pelos slides que estavam elaborando, impressões de fotos e pinturas. Desta forma conseguiram realizar as atividades com mais segurança, tirando, assim, dúvidas, corrigindo erros, que em outros tempos demoraria talvez semanas, agilizando, assim, todo o processo.

O depoimento nos mostra que os resultados dessas atividades de sala de aula tiveram a mediação/interação do educador para a melhoria do processo de ensino e aprendizagem, conforme expõe Kenszi (2008, p.653):

As novas formas de interação e comunicação em redes, oferecidas pelas mídias digitais, possibilitam a realização de trocas de informações e cooperações em uma escala inimaginável. Permitem o desenvolvimento de projetos colaborativos complexos e associações inesperadas. [...] espaços virtuais e informais de encontro na internet que permitem a construção coletiva aberta. Todos os que acessam são potencialmente produtores de informações e podem “colaborar”, inserindo suas contribuições opiniões em qualquer tipo de texto a que tenham acesso nesses ambientes. Revisões podem ser feitas periodicamente por especialistas e profissionais qualificados, o que não impede que novas inserções sejam incluídas. O crescimento é exponencial. Uma informação postada reflete-se em um número incalculável de comentários e novas contribuições de qualidade e origem diferenciadas.

Nas atividades propostas que envolveram as tecnologias, aplicativos comunicacionais, perguntamos às professoras participantes como constataram se contribuíram ou não para o processo de ensino e aprendizagem, e que nos apontassem as possibilidades visualizadas para o processo de ensino/aprendizagem segundo sua percepção. La Mestra(2016) afirmou que: “Com certeza, pois houve empenho, compreensão, dedicação e o resultado foi muito maior que o esperado, me surpreenderam nas apresentações e produções, pois estávamos dialogando também com o uso das tecnologias”. Segundo a professora Tomie(2016) as tecnologias possibilitaram agilizar “[...] todo o processo, os alunos se sentiram mais valorizados podendo apresentar suas ideias de forma diferenciada”.

Importante destacar os escritos de Rosa & Cecílio (2010, p.110), que explicam que o:

[...] maior desafio dos professores na sociedade atual é apreender seu novo papel e compreender as TICs e o lugar delas no processo de ensino e aprendizagem. Isso é enfatizado como um desafio porque a realidade escolar comporta um quadro em que as TICs ainda não são compreendidas por todos os professores, sequer como ferramentas pedagógicas potenciais na prática educacional com alunos. Mesmo presentes no cotidiano escolar, poucos professores conhecem suas potencialidades educativas.

A fim de compreender como aconteceu a proposição da atividade, a professora La Maestra (2016) nos relatou que propôs a interpretação da música “Te doy las gracias mamá”, em espanhol. A atividade consistia numa retomada de vocabulário e o uso de novo vocabulário, com foco na oralidade, juntamente com o uso da música para o dia das mães, sendo que a produção final poderia ser um vídeo com fotos, finalizando com uma declaração para a mãe. Segundo ela, foram orientados para trabalhar a música inserindo fotos deles, que tinham em casa, para criar uma apresentação, com depoimentos narrados em espanhol. Outra opção lançada seria elaborar um livreto, com o áudio em anexo. De acordo com a professora:

Criaram vídeos com a mãe, sem a mãe saber, e foram colocando os vídeos dentro da música, e as fotos. Quem não tinha foto que representava acabou representando através de imagens, e foi colando imagens em cima das fotos. Isso foi novidade para mim. A estudante A fez um trabalho muito legal. Usou outro aplicativo que eu não sei qual é, tudo como se fosse desenho, tudo em forma de caricatura, tudo como se fosse desenho sendo a caricatura dela e da mãe, muito legal. Ela disse no grupo: O meu não ficou legal, mas eu não vou contar. Ela estava achando que aquela forma diferente não ia atrair eles. Muito pelo contrário, ela atraiu a todos. Inclusive eu fiquei **perplexa pela apresentação⁹ dela.** (Grifo nosso).

⁹ Vídeo elaborado pela estudante A, a partir da proposição da atividade em espanhol.
<https://drive.google.com/file/d/0B-tvXaK5dDKLRGVGSnpNR3oycTg/view?usp=sharing>

Os demais estudantes elaboraram vídeos com inserção de imagens e os depoimentos em espanhol, conforme podemos visualizar nos *links*¹⁰. A professora La Mestra (2016) confessa que o resultado da proposta evidenciada pelas produções dos estudantes superou suas expectativas, conforme expõe: “Senti-me super feliz. Eles foram além do que eu pedi, e isso é gratificante para o professor. Deixa a gente muito satisfeita, realizada, com a sensação do dever cumprido.”.

No entanto, La Maestra (2016) nos relata que propôs a mesma atividade na outra escola, em que também atua como professora de espanhol, para os alunos dos Anos Finais. Porém naquela escola ela não tem acesso às tecnologias, os professores nem acesso à *internet Wi Fi* possuem. O resultado do trabalho, na escola objeto de estudo, ela diz como foi:

Nesta escola não saiu nenhum livro. Todos usaram os aplicativos. Porém teve alguns que não apresentaram. Poucos. Eles fizeram, mas não apresentaram. Na outra escola, somente livros. A atividade proposta era a mesma. Talvez tenha sido pelo meio econômico dos alunos, ou a falta da liberação dos computadores para uso em sala de aula, da senha aos professores e aos alunos, tanto que não é possível nem enviar um *e-mail* de lá.

Diante da declaração da professora, questionamos sobre como avalia a construção do conhecimento na escola que não disponibiliza senhas para *internet* e não permite o uso do celular pelos estudantes, se a proposta lançada é a mesma. La Mestra (2016) afirmou: “Percebi que os alunos não se desafiaram, não pesquisaram, não fizeram nada além do que eu havia pedido. Fizeram exatamente o que eu havia pedido”.

A partir das exposições proferidas pelas participantes, evidencia-se que o processo de ensino e aprendizagem exige mudanças na maneira de propor as atividades pedagógicas. Segundo Moran (2006, p. 29), “ensinar e aprender exige hoje muito mais flexibilidade, pessoal e de grupo, menos conteúdos fixos e processos mais abertos de pesquisa e de comunicação”. Diz esse autor que, até pouco tempo atrás, a sala de aula era o único espaço usado para se desenvolver o trabalho docente; hoje, com os avanços tecnológicos, há outra realidade, em que informações diversas e fontes variadas de acesso ao conhecimento fazem da aprendizagem algo não linear, e que exige criatividade dos professores em suas práticas

¹⁰ Vídeo das estudantes: <https://drive.google.com/file/d/0B-tvXaK5dDKLRGVGSnpNR3oycTg/view?usp=sharing>; B: <https://drive.google.com/open?id=0B-tvXaK5dDKLd1BxM3d4RjdoRzA>, C: <https://drive.google.com/open?id=0B-tvXaK5dDKLbWVUM0NZdHJ3Nm8> e D: <https://drive.google.com/open?id=0B-tvXaK5dDKLRGpLMmI4ODFGZnc>.

pedagógicas. Essa nova forma de ensinar não é fácil para professores acostumados com seu papel tradicional de comunicar e transmitir o que ensinam e conhecem bem.

Com os apontamentos evidenciados pelas professoras participantes da pesquisa, questionamos se consideram o uso das tecnologias digitais promotoras do conhecimento ou ferramentas pedagógicas. Tomie (2016) considera que as tecnologias são promotoras do conhecimento ao afirmar o porquê: “Há pesquisa, desafio e construção, desde que orientados de forma consciente por parte do professor. As tecnologias fazem com que eles sintam-se mais felizes, empolgados e encantados com a aula. Tudo fica interligado, a aula fica mais atraente, a gente consegue interagir melhor com o uso das imagens e sons”.

Já para La Maestra (2016), “[...] com o uso destes mecanismos nossa aula foge do tradicional, do monótono, e há brilho nos olhos dos nossos alunos. Além disso, nos dá riqueza de materiais, para que compreendam o todo.

A exposição das participantes nos leva à reflexão de que os estudantes constroem seu conhecimento de forma diferente, trazem pelas tecnologias informações do seu viver, de suas interações, alegria em realizar as atividades escolares pela facilidade que os mesmos têm com as visitas às diferentes fontes de pesquisa. Sentem-se desafiados. Isso se confirma no depoimento da estudante A (2016), quando afirma:

[...] temos mais opções, na verdade acabamos tendo muito mais meios de pesquisa e a aula se torna mais interessante, além de render mais, porque temos mais acesso ao conteúdo. Com a tecnologia presente na atividade acabamos nos desafiando mais, para aprender utilizar cada programa diferente, editor novo, aplicativo novo, e buscar em lugares diferentes, assim promovendo o pensar de todos.

Moran (2006, p. 36) também esclarece que “A educação escolar precisa compreender e incorporar mais as novas linguagens, desvendar os seus códigos, dominar as possibilidades de expressão e as possíveis manipulações. É importante educar para usos democráticos, mais progressistas e participativos das tecnologias, que facilitem a evolução dos indivíduos”.

As tecnologias permitem que os seres humanos construam seus saberes a partir da comunicação, da interação, e, ao usar os aplicativos como subsídios nas práticas pedagógicas, foi possível, como pesquisadora, rever as próprias convicções e apontar as mesmas como possibilidade de inovação para o processo de ensino e aprendizagem.

As razões para utilizar as tecnologias podem ser inúmeras, como, por exemplo, o fortalecimento no vínculo das relações entre estudantes e professores, o que acarreta numa melhoria na qualidade da convivência no ambiente escolar. Porém, cabe aos professores

desafiarem-se a inseri-las em suas práticas pedagógicas. Sabe-se que os desafios são inúmeros, mas são passíveis de serem vencidos.

4 CONSIDERAÇÕES FINAIS

Esta pesquisa, desenvolvida como Trabalho de Conclusão do Curso de Especialização *Educação na Cultura Digital*, da Universidade Federal de Santa Catarina, tornou-se um momento de aprofundamento teórico e reflexivo vivenciado pela participação no mesmo. Pretendeu-se compreender as inquietações a respeito da dificuldade de tornar as tecnologias digitais elementos que passassem a ser constantes nas ações educativas dos professores da escola, bem como compreender se essas tecnologias comunicacionais poderiam promover um aprender provocador, capaz de instigar o pensar e o agir numa melhoria da construção do conhecimento.

Com esse propósito, elaborou-se uma narrativa reflexiva a partir do processo vivenciado. O curso iniciou com um grupo de seis professoras da escola, encantadas, que aos poucos foram desistindo, sobrando somente duas participantes. As causas das desistências das colegas cursistas foram as mais diversas, entre elas a falta de tempo e troca de unidade escolar em função de professores com contratos temporários e licença sem vencimento.

Para mim, essas justificativas não são aceitáveis, pois defendo que os professores precisam estar em constante busca. Porém, precisamos aceitar e respeitar as escolhas de cada um. Considero que a culpa não pode ser atribuída apenas às professoras. Faltou incentivo da Secretaria Municipal de Educação, pois não foi dada a devida importância para o curso. Faltou apoio. Poderiam ter sido liberadas horas mensais para os estudos.

Com os estudos oportunizados pelo curso, muitas compreensões e interações foram sendo aplicadas na escola. Uma delas foi a liberação da senha aos estudantes da escola. As defesas pela não liberação foram da maioria do grupo de professores, mas os estudos nos possibilitaram argumentos teóricos convincentes, e o resultado foi simplesmente fantástico. Anteriormente o estudante que portasse um celular no espaço da escola teria o mesmo recolhido e entregue somente aos pais, o que causava nos estudantes muito desgosto e rebeldia. Hoje, com a liberação da senha, presenciamos estudantes mais conscientes para com o uso do celular no intervalo e durante as aulas. Tornamo-nos aliados deles. Ainda tem os que tentam burlar os acordos quanto ao uso, mas são insignificantes, e as atitudes melhoraram muito. Essa ação provocou um envolvimento dos estudantes com o todo da escola. Eles passaram a ser mais respeitosos com a direção, com a coordenação e com seus professores.

O aprofundamento das leituras teóricas dos núcleos e no PLAC foram de extrema importância. Aprendeu-se muito, seja no compartilhar de artigos com os professores e professoras, que eram leituras de fácil compreensão e simplesmente maravilhosas, seja em estudar, apreciar e compartilhar os vídeos do professor José Armando Valente¹¹ com os colegas professores. Foi fantástico!

Um fato relevante ocorrido foi a extinção da sala de informática, por falta de espaço, que passou a ser ocupada para sala de aula, fato ocorrido no decorrer do curso, ocasionando inúmeros conflitos, que aos poucos foram sendo compreendidos. Construiu-se um olhar para a dificuldade, e o coletivo buscou encontrar outras possibilidades, como a instalação de projetores multimídia fixos nas salas de aula, com o apoio da Associação de Pais e Professores da Escola.

¹¹ Professor que ajudou elaborar a estrutura teórica do Curso de Especialização Educação na Cultura Digital.

Outro aspecto relevante foi o dar-se conta pelo olhar reflexivo ocasionado pela investigação do estudo. Antes, os professores só viabilizavam o uso das tecnologias como levar as crianças para aulas na sala de informática, e hoje eles nem falam disso. Aprenderam a ter um novo olhar, não como meras ferramentas para digitar textos, mas como elementos de apontamentos de fontes. Não que a sala de informática não seja necessária, ela é sim, mas o olhar para a mesma tornou-se diferente.

Distintas e significativas lembranças proporcionadas pela participação do curso foram os grupos de estudo, as trocas aos pares e as interações, momentos estes estendidos para o cotidiano da escola, o que provocou uma abertura do olhar dos colegas professores para a Cultura Digital, mesmo com mitos e crenças presentes, que ainda são extremamente fortes, como o de que a tecnologia é um dos contributivos para a alienação e desinteresse dos estudantes para o ensino escolar.

Assim, o presente estudo integra apontamentos teóricos, os quais se justificam pela necessidade de apontar autores que versem sobre Cultura e Educação, e o processo do aprender na Cultura Digital. A pesquisa de campo versa sobre a ação docente de duas professoras e os estudantes do Nono Ano dos Anos Finais do Ensino Fundamental. As docentes desafiaram-se a contemplar os aplicativos comunicacionais em suas atividades cotidianas de sala de aula.

Para responder ao problema de pesquisa, de que forma as tecnologias comunicacionais com o aplicativo de WhatsApp podem potencializar práticas pedagógicas ressignificando o processo de ensino e aprendizagem de estudantes dos anos finais do ensino fundamental, elencou-se a partir dos objetivos específicos: Verificar como atividades que envolvem as tecnologias de comunicação, com o aplicativo de WhatsApp podem ser um elemento que promova o pensar e o agir na melhoria do processo de ensino aprendizagem; Apontar possibilidades de como interagir na prática pedagógica dos professores para que os planejamentos das atividades a serem propostas aos estudantes contemplem a utilização das tecnologias (aplicativos comunicacionais), com vistas a ressignificar processos de ensino e aprendizagem; Indicar aspectos das práticas realizadas que contribuíram para os professores superarem dificuldades que possuem para trabalhar com as tecnologias na educação; Compreender como trabalhar a educação pelo viés da cultura digital no contexto educacional com os professores, por meio de intervenções do coordenador pedagógico, com o objetivo de subsidiar/apoiar em conteúdo das disciplinas de Artes e Espanhol junto aos estudantes dos anos finais.

É indiscutível que ressignificar os processos educativos no contexto educacional emergente requer dos professores e professoras um constante aprendizado, que se desafiem para proporcionar um ensino que faça emergir o desejo dos estudantes para uma aprendizagem prazerosa e significativa. Os desafios foram inúmeros, dentre eles compreender a presença da cultura digital em nosso meio educacional e fazer com que os professores e as professoras percam o medo das tecnologias/mídias e passem a visualizá-las como potenciais educativos.

Diante disso, acredita-se que tecer possibilidades educativas potencializando o poder comunicacional das tecnologias nas práticas pedagógicas pode ser uma possibilidade de ressignificar o contexto da escola de educação básica.

O olhar investigativo ocasionado pelo estudo proporcionou um dar-se conta de que não adianta reunir o coletivo dos professores e discutir sobre como encontrar alternativas para provocar os alunos para aprender “O saber com sabor”, como dizia Rubem Alves. O perfil do estudante receptivo, que aceita, que acolhe as propostas dos professores sem contestar, esse perfil de estudante não temos mais na escola. Ainda bem! Outros desafios precisam ser lançados, e ousar dizer que as tecnologias com o uso de aplicativos comunicacionais e de registros digitais, trazem o mundo que já pertence ao universo dos estudantes para a sala de aula, elementos importantes, ressaltados por professores, por estudantes e estes podem ser capazes de promover a aprendizagem significativa, conforme posso apontar pelo fragmento do depoimento da estudante A (2016), que nos disse:

Com a tecnologia presente nas atividades acabamos nos desafiando mais para aprender a utilizar cada programa diferente, editor novo, aplicativo novo, e ainda buscar em lugares diferentes, assim promovendo o pensar de todos. E as aulas ficam mais gostosas, a gente procura vocês e sente prazer em vir para a escola.

As contribuições do uso dos aplicativos comunicacionais, o grupo de WhatsApp, entre os pesquisados foram as mais variadas. Para as professoras pesquisadas, houve agilização no momento de sanar dúvidas com relação à proposta. O resultado das propostas foi além do esperado, superou as expectativas. La Maestra (2016) nos declarou que desenvolveu a proposta nas duas escolas em que atua. Na escola em que usou as tecnologias, todos elaboraram vídeos com intervenções maravilhosas, criativas e com muita dedicação. Na outra, foi o tradicional que prevaleceu, sem muito encantamento pela atividade proposta, e isso deixa ambos frustrados com o processo de ensino, professor e aluno.

A questão do fortalecimento dos laços afetivos com os estudantes foi outro elemento observado na aplicação da proposta do uso dos aplicativos comunicacionais. O *WhatsApp* foi, sem dúvida, um instrumento que ocasionou uma aproximação dos estudantes com os professores e direção. Fala-se a mesma linguagem, na qual os adolescentes se sentem mais à vontade para expressar seus sentimentos, ideias, sugestões, opiniões e pensamentos a respeito do todo, seja no privado ou nos grupos de conversação. Como a estudante B (2016) afirmou: “[...] acaba sendo um lugar para conversar sobre outras coisas, não só sobre as aulas”. Por isso acredito que pode ser um elemento que estabelece o estreitamento dos laços entre os pares, e os estudantes sentem o professor como alguém que pode ajudar em suas dificuldades de aprendizagem. E por que não pessoais?

Percebeu-se, com a realização da pesquisa, que se fazem necessários estudos teóricos, propostas-piloto usando as TDICs, para compartilhar e refletir no coletivo os avanços, os conflitos e as dificuldades, para redimensionar o olhar de todos os colegas educadores para as tecnologias como uma possibilidade de construção do conhecimento de forma significativa aos estudantes.

Ouso dizer que até as aulas de leitura que acontecem diariamente na escola, durante os 20 minutos iniciais todos os dias, já estão sendo possibilitadas pelo celular, em livros *online*, conforme relato das professoras.

Entendeu-se, com a proposição do estudo, que às vezes subestimamos e até acreditamos que os professores sabem manusear os equipamentos, mas percebemos que não é bem assim quando La Maestra (2016) nos contou: “Corro muitas vezes de sala em sala ajudando os colegas. Isso requer de nós uma postura mais parceira, de ajudar com orientações das mais simples até as mais complexas”. Esse depoimento nos leva a oportunizar aos professores do colegiado da escola, como coordenadora pedagógica, momentos de informações técnicas sobre o manuseio dos equipamentos, para que os mesmos se desafiem ao uso constante dos mesmos em suas práticas cotidianas de sala de aula.

Outro aspecto que cabe narrar é que as professoras analisadas afirmam que planejar as aulas com o uso das tecnologias, além das possibilidades de buscar em inúmeras fontes, o processo é menos dispendioso, torna-se menos cansativo, conseguem planejar aulas mais atraentes e em menos tempo.

A participação neste curso ocasionou a postura argumentativa para a reestruturação técnica da *internet*, aumento da velocidade da *internet* junto à Associação de Pais e Professores, representantes da comunidade escolar, com apoio da gestão da escola. Os mesmos tiveram uma mudança de olhar para a *internet* lenta e os pais vão ajudar a pagar a

ampliação da velocidade da *internet*, para 30 Megas, sendo recursos de contribuição espontânea dos pais dos estudantes da escola. Essa ação poderá desencadear inúmeras propostas pedagógicas significativas.

Afirmo, de coração, que estou muito feliz como coordenadora. O Curso apontou-me possibilidades de interações para trabalhar as tecnologias, perceber que não é só o computador de última geração que vai mudar as concepções. Precisamos estar abertos ao novo, e a cultura digital faz parte de nosso viver, e isso não tem mais como modificar. Só precisamos nos desafiar.

REFERÊNCIAS

ALMEIDA, Maria Elizabeth Bianconcini de. Currículo, Tecnologia e Cultura Digital: Espaços e Tempos de Web Currículo. **Revista e-curriculum**, São Paulo, v.7 n. 1, p. 1-19, Abril/2011.

ALMEIDA, Maria Elizabeth Bianconcini de. Transformações no trabalho e na formação docente na educação a distância *on-line*. **Em Aberto**, Brasília, v. 23, n. 84, p. 67-77, nov. 2010.

ALONSO, Katia Morosov. ARAGÓN, Rosane. Aprender e ensinar em tempos de Cultura Digital. **Em Rede Revista de Educação a Distância**. v.1, n.1, p.152-168, jul. 2014.

ANDRÉ, Marli Eliza Dalmazo Afonso de. **Etnografia da Prática Escolar**. Campinas, SP: Papirus, 10ª Edição, 2003.

ASSMANN, Hugo. **Reencantar a educação: Rumo à sociedade aprendente**. Petrópolis: Vozes, 1998. 251 p.

BUCKINGHAM, David. Cultura Digital, Educação Midiática e o Lugar da Escolarização. **Educação e Realidade**, Porto Alegre, v.35, n.3. p. 37-58, 2010. Disponível em: <<http://seer.ufrgs.br/educacaoerealidade/article/view/13077>>. Acesso em: 23 abr. 2015.

DORJÓ, Denise Sodré. **Relações Afetivas: Reais possibilidades na Educação a Distância**. Texto livre: Linguagem e Tecnologia; <http://periodicos.letras.ufmg.br/index.php/textolivre>
Ano: 2011 – Volume: 4 – Número: 2.

DUARTE JUNIOR, João Francisco. **Por que arte-educação?** Campinas, SP: Papirus, 1991.

GODOY, Arilda Schmidt. Introdução à pesquisa qualitativa e suas possibilidades. **Revista de Administração de Empresas**, v.35, n.2, p.57-63. mar./abr.1995.

GRAZIOLA JUNIOR, Paulo Gaspar. Aprendizagem com mobilidade (M-Learning) nos processos de ensino e de aprendizagem: reflexões e possibilidades. CINTED-UFRGS, **Novas Tecnologias na Educação**, V.7, Nº1, Julho, 2009.

HALL, Stuart. **A identidade cultural na pós-modernidade**. Rio de Janeiro: DP&A, 2003

KENSKI, Vani Moreira, **Tecnologias e ensino presencial e a distância**. Campinas, SP: Papirus, 2003. – (Série Prática Pedagógica).

KENSKI, Vani Moreira. Educação e Comunicação Em: *interconexões e convergências*. **Educação e Sociedade**, v. 29, Campinas p. 647 – 666, 2008.

LARAIA, Roque de Barro. **Cultura: Um conceito antropológico**. Rio de Janeiro: Jorge Zahar Ed., 2001.

LÉVY, Pierre. **As tecnologias da inteligência**, São Paulo: SP, Ed. 34, 1993.

MATURANA, Humberto, VERDEN-Zoller, Gerda. **Amar e Brincar: fundamentos esquecidos do humano patriarcado à democracia**. São Paulo: Palas Atenas, 2004.

MATURANA, Humberto. **Emoções e linguagem na educação e na política**. 3ª. Belo Horizonte: Ed. Editora UFMG. 2002.

MATURANA, YÁNÊZ, Dávila Ximena. **Habitar humano em seis ensaios de biologia-cultural**; Tradução de Edson Araújo Cabral. São Paulo: Palas Athena, 2009.

MISKULIN, Rosana Giaretta Sguerra. VIOL, Juliana França. **As práticas do professor que ensina matemática e suas inter-relações com as tecnologias digitais.** Revista e-Curriculum, São Paulo, n.12 v.02 maio/out. 2014, ISSN: 1809-3876 Programa de Pós-graduação Educação: Currículo – PUC/SP <http://revistas.pucsp.br/index.php/curriculum>.

MINAYO, Maria Cecília de Souza (Org.). **Pesquisa Social: teoria, método e criatividade.** RJ: Petrópolis, 29ª Ed. Vozes, 2010.

MORAN, José Manuel. Ensino e aprendizagem inovadores com tecnologias audiovisuais e telemáticas. In: MORAN, José Manuel; MASETTO, Marcos T.; BEHRENS, Marilda Aparecida. **Novas tecnologias e mediação pedagógica.** 12. ed. Campinas, SP: Papirus. 2006. p.11-66.

MORIN, Edgard. **A Cabeça Bem-Feita: Repensar a reforma e reformar o pensamento.** Rio de Janeiro: Bertrand Brasil, 2001.

PELLANDA, Eduardo Campos. **Convergência de mídias potencializada pela mobilidade e um novo processo de pensamento.** In: Trabalho apresentado no Núcleo de Tecnologias da Informação e da Comunicação, XXVI CONGRESSO BRASILEIRO DE CIÊNCIAS DA COMUNICAÇÃO, 26, Belo Horizonte/MG, 02 a 06 de setembro de 2003. INTERCOM – Sociedade Brasileira de Estudos Interdisciplinares da Comunicação, 2003. Disponível em: <<http://www.portcom.intercom.org.br/pdfs/129419528759418333834670887469995119541.pdf>>. Acesso em: 22 abr. 2015.

POUPART, Jean. et. al. **A pesquisa qualitativa: enfoques epistemológicos e metodológicos.** Tradução de Ana Cristina Nasser. Petrópolis, RJ: Vozes, 2008.

RICHTER, Ivone Mendes. **Interculturalidade e estética do cotidiano no ensino das artes visuais.** Campinas, SP: Mercado das Letras, 2003.

RIVOLTELLA, Pier Cesare. **Falta cultura digital na sala de aula.** Entrevista por Débora Didonê. Revista Nova Escola, São Paulo, mar. 2007. Disponível em: <http://planetasustentavel.abril.com.br/noticia/educacao/conteudo_244926.shtml>. Acesso em: 23 abr. 2015.

ROSA, Rosemar. CECÍLIO, Sálua. Educação e o uso Pedagógico das Tecnologias da Informação e Comunicação: A Produção do Conhecimento em Análise. **Educ. foco**, Juiz de Fora, v.15, n.1, p.107-126, março 2010, agosto 2010.

SANTAELLA, Lúcia. **Linguagem, Pensamento, Mídias, Hibridismo e Educação.** Entrevista. Publicado por Encontroeducare2011 em 7 nov. 2011. Disponível em: <<https://www.youtube.com/watch?v=laNhZ7Kf1Ac>>. Acesso em 23 abr. 2015.

TEDESCO. J.C. Introdução. In: TEDESCO, J.C. (Org.). **Educação e novas tecnologias: esperança ou incertezas.** São Paulo: Cortez; Buenos Ayres: Instituto Internacional de Planeamiento de la Educación; Brasília: UNESCO, 2004.

THOMPSON, J. B. **A Mídia e a Modernidade – Uma teoria social da mídia.** Trad. Wagner de Oliveira Brandão. 9ª Ed. Petrópolis, RJ: Vozes, 2008.

VALENTE, José Armando. **Pesquisa, comunicação e aprendizagem com o computador.** O Papel do computador no processo ensino-aprendizagem. (Org.) **Integração das Tecnologias na Educação** Secretaria de Educação a Distância, Brasília: Ministério da Educação, SEED, 2005. 204p.

ANEXOS

Anexo 1 – Questões de Pesquisa para Professoras

UNIVERSIDADE FEDERAL DE SANTA CATARINA
PROGRAMA DE PÓS-GRADUAÇÃO EM EDUCAÇÃO CIENTÍFICA E TECNOLÓGICA
CURSO DE ESPECIALIZAÇÃO EM EDUCAÇÃO NA CULTURA DIGITAL

Acadêmica: Marli Ferreira Wandscheer (contato: 49 88528258; marlifw@yahoo.com.br)

Orientador: João Paulo Mannrich

Questões de Pesquisa para Professoras

O presente questionário tem como objetivo levantar dados para a Pesquisa: Aplicativos de comunicação como possibilidade de interação em processos educativos entre professores e estudantes da educação básica. O objetivo visa investigar como as tecnologias (ou aplicativos) podem potencializar as práticas pedagógicas e ressignificar o processo de ensino e aprendizagem junto aos estudantes do ensino fundamental, anos finais.

Antecipadamente agradecemos,

São Miguel do Oeste – Junho de 2016.

Descreva com suas palavras como percebe a cultura digital no atual contexto de sua prática pedagógica, na realidade em que atua em termos das contribuições que elas proporcionam, de suas inquietações, e dos desafios que você enfrenta para utilizá-las.

O que motivou você a utilizar os aplicativos comunicacionais no desenvolvimento de suas atividades em sala de aula?

O uso das tecnologias digitais é frequente nas atividades pedagógicas desenvolvidas por você em sala de aula? Nas últimas vezes como as utilizou?

Durante o desenvolvimento das atividades, o uso dos aplicativos comunicacionais foram utilizados pelos estudantes para sanar dúvidas com relação ao conteúdo proposto? Como foi essa interação?

Nas atividades propostas que envolveram as tecnologias (aplicativos comunicacionais), como constatou que contribuíram ou não para o processo de ensino aprendizagem? Cite os pontos que contribuíram e os que não contribuíram para o processo de ensino/aprendizagem segundo sua percepção.

Quais dificuldades sentiu ao trabalhar com as tecnologias educacionais (aplicativos comunicacionais)?

Com o uso do aplicativos comunicacionais no desenvolvimento das atividades você percebeu algumas mudanças na relação professor X aluno? Se sim, de que maneira?

Você acredita que atingiu os objetivos pedagógicos propostos quando utilizou os aplicativos comunicacionais? Descreva porque acredita que foram atingidos.

Considera as tecnologias digitais: promotoras do conhecimento ou ferramentas pedagógicas? Por que?

Aponte aspectos relevantes percebidos por você na utilização das tecnologias digitais (aplicativos comunicacionais) para que outros professores possam se desafiar a inserirem as tecnologias em suas práticas pedagógicas.

Anexo 2 – Entrevista Gestor da Escola

PERFIL

Cargo na escola:

Sexo:

Idade:

Há quanto tempo atua na educação como gestor?

Há quanto tempo atua nesta escola

Já atuou como professor? Por quanto tempo?

Qual é a formação acadêmica? (Nível e área)

QUESTÕES:

a) Como se dá a gestão pedagógica na escola? Quais são as principais práticas realizadas pela gestão pedagógica?

b) Há gestão para a integração das TDIC?

Quais são os(as) profissionais envolvidos(as)?

Que funções e responsabilidades eles(as) assumem?

c) Quais práticas coletivas já são efetivadas? Há planejamentos coletivos? O que é coletivamente planejado? Que avaliações coletivas são realizadas?

d) Qual a participação da comunidade (escolar e local) nessas práticas?

e) Como você percebe a relação entre alunos(as) e professores(as)?

f) Quais são as principais dificuldades enfrentadas por gestores(as), professores(as), estudantes e comunidade?

g) Que níveis de integração há entre as práticas pedagógicas e o uso das TDIC?

h) Na sua percepção, qual projeto mobiliza mais intensamente a comunidade?